



revista cristã
última chamada



o Preterismo de
Eusébio
de Cesaréia

César Francisco Raymundo

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CHAD MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

o Preterismo de Eusébio de Cesaréia

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

O Preterismo de Eusébio de Cesaréia

Autor: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada
- Edição de Dezembro de 2020-

Capa: César Francisco Raymundo
(imagem da internet)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Dezembro de 2020
Londrina - Paraná

Índice

Sobre o autor	07
Introdução: sobre Eusébio de Cesaréia	08
1. Eusébio de Cesaréia e a frase “mundo inteiro”	12
2. O nascimento de uma nação em um só dia	22
3. A morte de Tiago, o irmão do Senhor	28
4. A grande fome profetizada por Ágabo	37
5. As desventuras dos judeus	47
- O Abominável da Desolação	55
- A guerra dos judeus contra Roma e as profecias de Cristo	56
- Os sinais que antecederam a guerra dos judeus contra Roma	58
6. Falsos cristos e falsos profetas	62
- Nero, a Besta	65
7. A data da escrita do livro de Apocalipse	69
- A reivindicação do consenso patrístico	70
- Quatro opiniões patrísticas sobre a data do Apocalipse	71
- A questão do consenso patrístico	72
8. Otimismo histórico de Eusébio de Cesaréia?	77
- Os religiosos modernos contra o imperador romano Constantino	81
Conclusão	95
Obras importantes para pesquisa...	98

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Introdução:

Sobre Eusébio de Cesaréia

Eusébio, bispo de Cesaréia, (270-339/340 d.C.) é conhecido como o pai da história da Igreja, pois seus escritos nos dão os primeiros relatos sobre o cristianismo primitivo. É a partir de sua obra que podemos inferir a respeito da data de seu nascimento, pois Eusébio narra como sendo passado a perseguição dos cristãos sob o imperador romano Valeriano (258-260 d.C.). Embora não se saiba onde ele nasceu, o fato é que passou a maior e mais importante parte de sua vida em Cesaréia, sendo esta a maior cidade romana da Palestina. Não se sabe sobre sua família – que por certo deveria ter sido cristã.

Embora sua obra seja extensa, Eusébio nada fala de si mesmo. Se sabe que foi bispo de Cesaréia entre os anos 313 ou 315 em diante. Ele passou pela última e maior perseguição contra os cristãos entre 303 até 311 d.C. Não temos conhecimento sobre como Eusébio passou por esse período de perseguição.

Todo seu conhecimento teológico vem do estudo da obra de Orígenes. “Durante os debates contra o arianismo Eusébio foi um dos principais defensores de uma posição mediadora, que procurava manter unificada a indefinição dogmática dos primeiros pais da Igreja. Para a dogmática posterior ele é suspeito de ser semi-ariano, o que pode ter sido a causa do rápido desaparecimento de muitos de seus escritos”.¹ A obra de Eusébio de Cesaréia é constituída de livros

históricos, apologéticos, de exegese bíblica e doutrinários. Ao todo escreveu mais de 120 volumes (sendo a maioria perdidos ou conhecidos apenas por traduções). Em suas obras ele tratou de vários temas teológicos e personalidades da Igreja primitiva, fazendo citações de cerca de 250 obras de muitos autores que são conhecidos apenas através de Eusébio, pois suas obras se perderam.

De acordo com a dissertação de Eliton Almeida da Silva, “quando se fala da figura de Eusébio, suas obras mais recorrentes na historiografia são a *História Eclesiástica*, o *Louvor à Constantino* e a *Vida de Constantino* [...]”.²

O que vai nos interessar neste e-book sobre a obra de Eusébio de Cesaréia é o seu livro *História Eclesiástica* que, para muitos estudiosos, é “um marco na composição do que possivelmente poderia chamar uma historiografia de cunho religioso, atinada a uma perspectiva cristã”.³

No livro *Historia Eclesiástica* encontramos muitas provas de que Eusébio de Cesaréia era um preterista em relação a certas passagens proféticas das Escrituras. Para quem não sabe ainda, a palavra Preterismo significa “passado”. Um preterista é alguém que crê que as profecias de Mateus 24, Marcos 13, Lucas 21 e o Apocalipse foram cumpridas no passado, isto é, no primeiro século da era cristã. É claro que um preterista parcial, ortodoxo e bíblico, crê que haverá uma Segunda Vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos em nosso futuro. Todo cristão que se preze é um preterista em certo nível. Se você crê que certas profecias do Antigo Testamento foram cumpridas na vida e obra de Jesus Cristo, obviamente você acredita que essas profecias foram cumpridas no passado e que não mais terão um futuro cumprimento. Então você é um preterista em certo nível.

O livro *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesaréia desmente que o Preterismo teria sido uma invenção do Jesuíta Luiz de Alcazar no ano de 1600, quando escreveu um comentário completo sobre o livro de

Apocalipse. Um oponente do Preterismo, Irwin Baxter, fundador da End time Ministries em Indiana, escreveu:

“O Preterismo foi adiantado pela primeira vez em 1604 pelo Jesuíta católico Romano Luis de Alcasar...”⁴

Ronald Cooke escreveu:

“Alcasar, outro jesuíta espanhol... parece ter sido o primeiro homem na história a defender a abordagem Preterista do Apocalipse”.⁵

O comentário do livro de Apocalipse escrito em 1545 por John Henten desmente as declarações acima. John Henten em seu comentário preterista sobre o Apocalipse parece ter sido influenciado pelo Comentário de Apocalipse de Arethas (século 9º ou 10º).⁶ Isto nos mostra que o comentário sobre o livro de Apocalipse de Luís de Alcasar, publicado em 1614, não foi o primeiro a ter uma abordagem preterista, desmentindo assim aqueles que acusam que o Preterismo foi um invenção católica.

O famoso dispensacionalista Thomas Ice reconheceu que o Preterismo pode ser encontrado “cedo em pessoas como Eusébio. De fato, seu trabalho a Prova do Evangelho está cheio de preterismo em relação ao Sermão do Monte”.⁷ Não somente Eusébio de Cesaréia, mas muitos outros escritores antigos e medievais fizeram interpretações preteristas sobre Mateus 24 e o livro de Apocalipse. Pelo fato de muitos leitores das obras de Eusébio de Cesaréia ignorarem o Preterismo, muito se perdeu na interpretação da escatologia bíblica. Em meu trabalho de pesquisa analisei linha por linha do livro *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesaréia. Confesso que não somente fiquei impressionado com a quantidade e a lucidez das interpretações preteristas que Eusébio de Cesaréia faz do livro de Daniel, Mateus 24 e o livro de Apocalipse, mas também o quanto ele tem a ensinar a nós, os intérpretes modernos.

-
1. História Eclesiástica, pg. 4. Eusébio de Cesaréia. Editora Novo Século. São Paulo 2002. Versão digital disponível na internet.
 2. Eusébio de Cesareia e a defesa do patrimônio imobiliário cristão (século IV d.C.), pg. 44. Eliton Almeida da Silva – Franca: 2015.Dissertação (Mestrado em História). Universidade EstadualPaulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
 3. Os Fundamentosda Cristandadena História Eclesiásticade Eusébiode Cesaréia. George Augusto da Silva. Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Diversidade Cultural. Textos Completos.Realização Curso de História –ISSN 2178-1281.
 4. Irwin Baxter, “Climbing the unstable doctrine of Preterism: Examining a False Teaching,” www.endtime.com. Accessed December 19, 2004. Apud Francis X. Gumerlock, *Revelation and the First Century*, pg. 8.
 5. Cooke, *Antichrist and Optimism* (Hollidaysburg, PA: Truth International Ministries, 1994), 14. Apud Francis X. Gumerlock, *Revelation and the First Century*, pg. 8.
 6. Arethas of Caesarea in Cappadocia, *Commentary on Revelation*. On Rev. 7:4–8. PG 106:606: nondum enim Judaeos comprehenderat vastatio a Romanis adducta, cum evangelista haec susciperet oracula. Apud Francis X. Gumerlock, *Revelation and the First Century*, pg. 44.
 7. Thomas Ice, “Update on Pre-Darby Rapture Statements and Other Issues”: audio tape (December 1995).Apud Gary DeMar&Francis X. Gumerlock, *The EarlyChurchandthe End of the World*, pg. 33.

1

Eusébio de Cesaréia e a frase “mundo inteiro”

Devido ao literalismo, as vezes extremo, um dos problemas enfrentado pelos intérpretes modernos é a visão bíblica de mundo limitado. A interpretação errônea sobre esse tema é possível ver em passagens como Mateus 24:14 e Colossenses 1:23. Em Mateus 24:14, Jesus disse:

“E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim”.

Um leitor contemporâneo dos apóstolos facilmente iria entender que a palavra grega para “mundo” no texto acima é *oikoumene* e significa “terra habitada”. Para os judeus e gentios do primeiro século, *oikoumene* não era uma referência ao Planeta Terra, mas era o Império Romano. *Oikoumene* designava o Império dos Césares. No texto de Lucas 2:1, por exemplo, os tradutores optaram por traduzir *oikoumene* por “toda a população do império”, ao invés de “todo mundo” conforme era em traduções mais antigas.

O texto de Colossenses 1:23 é outro que dá muito trabalho para o intérprete moderno e suas suadas “ginásticas” interpretativas. O texto diz:

“Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, **o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu**, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro”.

(o grifo é meu)

Observe o que um intérprete escreveu sobre a frase “toda criatura que há debaixo do céu”:

“Será que o Evangelho já foi pregado para toda criatura?”

De exemplos como Rob Bell até Peter O'Brien, podemos perceber que Colossenses 1:23 demonstra ser um desafio de alcançar na vida cristã. Paulo refere-se ao evangelho de seu dia como “o evangelho... o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu” (ESV). Os comentadores multiplicam explicações de como o evangelho já poderia ter sido proclamado “a toda criatura” no primeiro século. Porém eis o contexto para nossa avaliação:

Aqui está a minha solução simples para esse assunto, porém você tem que saber grego para entendê-la. A frase grega para “o qual foi pregado” é (tou kēruchthentos). Este é um particípio substantivo que poderíamos traduzir como “o proclamado”. Em justaposição com “o evangelho” se traduziria como (tou euangelizou... tou kēruchthentos): “o evangelho... o proclamado”.

O fato que o particípio “proclamado” nos parece estar no passado não significa que a proclamação do evangelho já aconteceu. Essa não é a forma que os particípios substantivos funcionam, como Daniel Wallace esclarece na *Greek Grammar Beyond the Basics* nota 8, 615 (Gramática Grega além do Básico).

Portanto, a simples leitura de Colossenses 1:23 é que Paulo está definindo o evangelho como o tipo de evangelho que é ilimitado e de âmbito mundial, e portanto, é pregado, por definição, para toda

a criação. Não há a declaração aqui que isso já aconteceu. Assim, eu gostaria de traduzir tal versículo como:

Vocês que tem sido reconciliados. . . Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, o qual **[tem sido]** pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro”. (Colossenses 1:21-23, grifo nosso)

Portanto, a implicação para nós é: Não pense que a missão global da pregação está completa. Não está. Há um grande trabalho a ser feito, precisamente porque o evangelho que nós amamos e pregamos é ilimitado no seu aspecto de relevância pessoal, cultural e eterna para todos os povos do planeta”.¹

Um outro intérprete bíblico foi mais longe:

“Sua dúvida aqui é em relação ao tempo do verbo, já que diz que o evangelho “foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu”, e isto Paulo escreveu quando pouquíssima gente tinha tido acesso às boas novas.

Neste caso o evangelho foi pregado a toda criatura no sentido de que ele foi feito acessível a toda criatura, embora ainda nem toda criatura tenha tido acesso a ele. Quando o presidente anuncia o valor do novo salário mínimo para todos os trabalhadores, aquilo já está valendo, mesmo que nem todos os trabalhadores tenham ficado sabendo disso. O valor do salário mínimo já foi anunciado a todo trabalhador.

O governo pode dizer que o novo salário mínimo já foi “pregado” a toda criatura do país. A proclamação já foi feita, agora é apenas uma questão de tempo até que mensagem seja ouvida nos confins da terra. Quando alguém bate o martelo numa tábua numa construção ao longe, vemos o martelo bater, mas só depois ouvimos a batida. Um outro exemplo é a proclama de casamento que é obrigatório publicar no jornal quando alguém pretende se

casar, para o caso de outra pessoa saber que um dos noivos já era casado anteriormente. Uma vez publicado (tornado público) ninguém poderá dizer que aquilo era desconhecido do público”.²

Toda essa questão seria facilmente resolvida se os intérpretes modernos considerassem o testemunho da própria Bíblia. A frase “toda criatura que há debaixo do céu” é uma clara referência aos limites do Império Romano. O famoso texto da descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes esclarece essa frase:

“Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos **de todas as nações debaixo do céu**”.

(Atos 2:5 – o grifo é meu)

Mais à frente, nos versículos de 9 a 11, é explicado quais são “todas as nações debaixo do céu”:

“Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?”

(Atos 2:9-11)

Temos então uma clara e inequívoca referência as nações do Império Romano. No mesmo livro de Atos dos Apóstolo é possível encontrar outras referências de mundo limitado. Veja alguns textos:

“Esses homens que **viraram o mundo** de cabeça para baixo, chegaram também aqui”.

(Atos 17:6b – o grifo é meu)

“Temos achado que este homem é uma peste, aquele que atíça tumultos entre todos os judeus e **em todo o mundo**”.

(Atos 24:5 – o grifo é meu)

O apóstolo Paulo em Romanos 1:8 expressa a mesma noção limitada de mundo:

“Primeiramente, dou graças a meu Deus, mediante Jesus Cristo, no tocante a todos vós, porque, **em todo o mundo, é proclamada a vossa fé**”.

(O grifo é meu)

Se já não bastasse os exemplos do Novo Testamento, no Antigo Testamento o profeta Daniel previu o surgimento do Império Grego Macedônio dizendo que o mesmo iria ter “domínio sobre toda a terra” (Daniel 2:39). O próprio rei Nabucodonosor em sua visão limitada de mundo faz uma referência “a todos os povos, nações e homens de todas as línguas, que habitam em toda a terra” (Daniel 4:1). O “rei Dario escreveu aos povos, nações e homens de todas as línguas que habitam em toda a terra” (Daniel 6:25). Na profecia de Daniel a respeito do Império Romano é dito que “o quarto animal será um quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos; e devorará toda a terra, e a pisará aos pés, e a fará em pedaços” (Daniel 7:23). Quem conhece a história sabe que nenhum dos exemplos citados acima aconteceu em todo o Planeta Terra. Nem os gregos, nem Nabucodonosor e Dário governaram todo o Planeta Terra.

Além das Escrituras Sagradas, outros escritores primitivos expressaram a visão de mundo limitado:

“Os pais da igreja primitiva também se referiam ao império como o mundo inteiro muitas vezes. Alegaram ainda que a igreja havia sido dispersa por todo o mundo, até aos confins da terra”.³

“Clemente afirmou que Paulo havia pregado, tanto no leste quanto no oeste, ensinando a justiça ao mundo inteiro”.⁴

“O autor da Epístola a Diogneto (c. 130 dC), escreveu:

“Os cristãos estão espalhados por todas as cidades do mundo”
(6.2).⁵

Por fim, seguindo o foco deste e-book, vamos ver como Eusébio de Cesaréia refletia essa mesma visão de mundo limitado. Ao falar sobre como nomes de Jesus e de Cristo já eram conhecidos desde a antiguidade e honrados, Eusébio de Cesaréia escreveu:

“Assim, sem ter sido objeto de nada semelhante ao que descrevemos, está proclamado Cristo com mais razão que todos aqueles, e sendo Ele mesmo o único e verdadeiro Cristo de Deus, **encheu o mundo inteiro de cristãos**, isto é, de seu nome realmente venerável e sagrado. Já não são figuras e imagens o que Ele entrega a seus seguidores, mas as próprias virtudes em sua pureza e uma vida no céu com a própria doutrina da verdade”.⁶
(o grifo é meu)

Mais à frente, ele fala sobre a proclamação de Cristo “no mundo inteiro”, e em “toda a terra habitada”, citando os povos alcançados pelo evangelho:

“Uma prova sólida e patente desta unção incorpórea e divina é que, de todos os homens de seu tempo e dos que se seguiram até hoje, unicamente Ele, entre todos **e no mundo inteiro**, foi chamado e proclamado Cristo; somente a Ele reconhecem sob este nome, dão testemunho d'Ele e se recordam d'Ele **todos, tanto gregos quanto bárbaros**; e até hoje seus seguidores, espalhados por toda a terra habitada, seguem dando-lhe honras de rei, honrando-o mais do que aos profetas e glorificando-o como o verdadeiro e único sumo Sacerdote de Deus, e acima de tudo isto, por ser Verbo de Deus, preexistente e nascido antes de todos os séculos, e por haver recebido do Pai as honras divinas, adoram-no como a Deus”.⁷

(o grifo é meu)

“Pois bem, nos dias de hoje esta mesma forma de religião de Abraão só é praticada, com obras mais visíveis do que as palavras, entre **os cristãos espalhados por todo o mundo habitado**”.⁸
(o grifo é meu)

O interessante no texto de Eusébio de Cesaréia é que ele usa linguagem bíblica em sua visão de mundo limitado. No livro II da *História Eclesiástica* ele explica como a doutrina de Cristo em pouco tempo se propagou por “todo o mundo” ou “toda a terra habitada”:

“Assim, sem dúvida por uma força e uma assistência de cima, a doutrina salvadora, como um raio de sol, iluminou subitamente **toda a terra habitada**. De pronto, conforme as divinas Escrituras, a voz de seus evangelistas inspirados e de seus apóstolos **ressoou em toda a terra**, e suas palavras nos **confins do mundo**”.⁹
(o grifo é meu)

Essas palavras estão em conexão com dois textos que os intérpretes modernos têm dificuldade de explicar, Romanos 1:8; 10:18:

“Primeiramente, dou graças a meu Deus, mediante Jesus Cristo, no tocante a todos vós, porque, **em todo o mundo, é proclamada a vossa fé**”.

“Mas pergunto: Porventura, não ouviram? Sim, por certo: Por toda a terra se fez ouvir a sua voz, e as suas palavras, **até aos confins do mundo**”.

Acredito que pelo fato da Escritura Sagrada ser inspirada, seria este o motivo dos intérpretes pensarem que a frase “em todo o mundo” ou “confins do mundo” seria uma referência ao Planeta inteiro. É interessante que o mesmo princípio não é aplicado ao texto de Eusébio de Cesaréia e outros da época. Tenho notado também que quando Eusébio de Cesaréia escreveu sobre “todo o mundo” ou “terra habitada” os intérpretes modernos não levam isto no sentido literal, mas consideram a visão de mundo limitado. Essa diferença

interpretativa entre o que se lê nas Escrituras e na literatura secular não deveria ser assim. A Escritura Sagrada, embora inspirada por Deus, reflete o contexto cultural da época em que foi escrita. Neste caso devemos lembrar o que Tremper Longman III e John H. Walton escreveram em seu livro *O mundo perdido do dilúvio*:

“Embora, em última análise, a Bíblia tenha sido escrita para nós, ela não foi destinada a nós. A revelação que ela provê pode nos equipar para conhecermos a Deus, seu plano e seus propósitos, tornando-nos, assim, participantes com ele no mundo com o qual nos deparamos hoje. Contudo, a Bíblia não foi escrita com nosso mundo em vista. Nesse contexto, ela não é comunicada em nossa língua; não é dirigida à nossa cultura; não antecipa questões sobre o mundo e suas operações ou outras ideias que resultam de situações e problemas modernos.

Se impusermos ideias modernas ao texto, o despimos de sua autoridade e, na prática, o comprometemos; como resultado, arrogamos autoridade para nós e nossas ideias. O texto não pode assumir um significado que nunca lhe foi intencionado. O que o texto diz pode convergir com a ciência moderna, mas ele mesmo não faz alegações autoritativas pertencentes ao domínio da ciência moderna”.¹⁰

Ao falar do Mago Simão, Eusébio de Cesaréia mostra o alcance da fé no Senhor Jesus Cristo “a todos os homens”:

“No entanto, havendo-se propagado a fé em nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo **a todos os homens**, o inimigo da salvação dos homens já tramava antecipar-se na captura da cidade imperial e para lá conduziu Simão, de quem já falamos acima. De fato, seguindo as hábeis artes deste homem, ganhou para o erro muitos habitantes de Roma”.¹¹

(o grifo é meu)

Por fim, Eusébio fala sobre como os apóstolos pregaram sobre Cristo “por toda a terra”:

“Esta era a situação dos judeus, enquanto os santos apóstolos e discípulos de nosso Salvador **havia**m se **espalhado por toda a terra**: a Tomás, como quer uma tradição, coube a Partia; a André a Cítia, a João a Ásia, entre os quais se estabeleceu, morrendo em Éfeso.

Pedro, segundo parece, pregou no Ponto, na Galácia e na Bitínia, na Capadócia e na Ásia, aos judeus da diáspora; por fim chegou a Roma e foi crucificado com a cabeça para baixo, como ele mesmo pediu para sofrer.

E o que dizer de Paulo, que desde Jerusalém até o Ilírico cumpriu com a pregação do Evangelho de Cristo e finalmente sofreu martírio em Roma sob Nero? Isto é dito por Orígenes literalmente no tomo III de seus *Comentários ao Gênesis*”.¹²

(o grifo é meu)

Enquanto muitos intérpretes modernos têm dificuldade de entender a declaração acima de que o apóstolo Paulo “cumpriu com a pregação do Evangelho de Cristo”, vemos Eusébio de Cesaréia entendeu muito bem o que o apóstolo quis dizer em 2ª Timóteo 4:17:

“Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, **para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem**; e fui libertado da boca do leão”.

(2ª Timóteo 4:17 – o grifo é meu)

É certo que o Planeta inteiro não estava evangelizado ainda, mas apenas a pequena porção do mundo conhecido da época, isto é, o mundo romano é que foi todo evangelizado no tempo de Paulo. Com isto, o apóstolo cumpriu aquilo que Jesus disse no Sermão Profético sobre ser “pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações” (Mateus 24:14).

Por outro lado, na Grande Comissão, que é o “ide” por “todo o mundo” para fazer “discípulos de todas as nações” (Mateus 28:19), temos especificamente no texto de Marcos 16:15 a presença da palavra grega *kosmos* - que é uma referência de que toda criatura humana do Planeta inteiro ainda terá que ouvir o evangelho até a volta de Jesus. Os apóstolos cumpriram a missão de evangelizar os limites do Império Romano conforme Jesus havia dito em Mateus 24:14, mas o restante da Igreja até a volta de Jesus irá concluir a conquista de todas as nações.

-
1. Será que o Evangelho já foi pregado para toda criatura? Postado Quarta-feira, 21 de Setembro de 2011. Site: www.projeto-reino.blogspot.com/2011/09/sera-que-o-evangelho-ja-foi-pregado.html Acessado Domingo, 15 de Novembro de 2020.
 2. O evangelho já foi pregado a toda criatura? Mario Persona. Site: www.respondi.com.br/2010/02/o-evangelho-ja-foi-pregado-toda.html Acessado Domingo, 15 de Novembro de 2020.
 3. (Irineu, Contra as Heresias, 1.10.1)
 4. (1 Clem. 5)
 5. (Irineu, 4.33.4)
 6. História Eclesiástica, pg. 18. Livro I, III:12. Eusébio de Cesaréia. Editora Novo Século. São Paulo 2002. Versão digital disponível na internet.
 7. Idem nº 6, pg. 19. Livro I, III:19.
 8. Idem nº 6, pg. 20. Livro I, IV:14.
 9. Idem nº 6, pg. 35. Livro II, III:1.
 10. O mundo perdido do dilúvio - *Teologia, mitologia e o debate sobre os dias que abalaram a terra.*, pg. 23. Tremper Longman III e John H. Walton. Thomas Nelson Brasil. Rio de Janeiro, 2019.
 11. Idem nº 6, pg. 40. Livro II, XIII:1.
 12. Idem nº 6, pg. 52. Livro III, I:1-3.

2

O nascimento de uma nação em um só dia

“Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisa semelhante? Pode, acaso, nascer uma terra num só dia? Ou nasce uma nação de uma só vez? Pois Sião, antes que lhe viessem as dores, deu à luz seus filhos”.

(Isaías 66:8)

Desde cedo em minha caminhada cristã tenho ouvido que este texto de Isaías é uma profecia sobre a criação do moderno Estado de Israel. Um intérprete moderno assim o explica:

“Em 1947 iniciou-se as negociações entre judeus exilados e políticos da Comunidade Internacional para que a Nação de Israel voltasse a ser reconhecida internacionalmente, após o término do Mandato Britânico na “Palestina”.

Os judeus no exílio viviam um tempo de tensão pois foram transformados em indesejáveis exilados de guerra, porém guardavam um fio de esperança em poder retornar à Terra Prometida e reiniciar uma nova vida dentro de seus termos histórico e bíblico. E novamente o SENHOR entra em ação.

Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisas semelhantes? Poder-se-ia fazer nascer uma terra num só dia? Nasceria uma nação

de uma só vez? Mas Sião esteve de parto e já deu à luz seus filhos. Isaías 66:8

Em 14 de Maio de 1948 cumpriu-se a profecia, e o plano tendencioso político de extermínio dos judeus cada dia torna-se mais frustrado junto com a doutrina da substituição”.¹

Na contramão dos intérpretes modernos, Eusébio diz algo diferente acerca de Isaías 66:8 (preste atenção nas palavras em negrito):

“Não faz muito tempo, efetivamente, que brilhou sobre todos os homens a presença de nosso Salvador Jesus Cristo, **e um povo, novo** no conceito de todos, **fez sua aparição assim, de repente, conforme as inefáveis predições dos tempos**; um povo não pequeno, nem fraco, nem localizado em algum recanto da terra, mas ao contrário, o mais numeroso e o mais religioso de todos os povos, indestrutível e invencível por ser em todo momento objeto do favor divino, o povo ao qual todos honram com o nome de Cristo.

Um dos profetas que contemplou antecipadamente com os olhos do Espírito de Deus **a futura existência deste povo** encheu-se de tal assombro que se pôs a gritar: Quem viu semelhante coisa? E quem falou assim? Nasce uma terra em um dia e nasce um povo de uma vez! E o mesmo profeta faz também alusão em outro lugar ao nome futuro deste povo, quando diz: E os meus servos serão chamados por um nome novo, que será bendito sobre a terra.

Mas se está claro que nós somos novos, e que este nome de cristãos só foi realmente conhecido entre todas as nações recentemente, ainda assim e apesar disto demonstraremos aqui que nossa vida e o caráter de nossa conduta, adaptada aos próprios preceitos da religião, não é invenção nossa de ontem, mas que, por assim dizer, manteve-se em vigor desde a primeira criação do homem, graças ao bom senso daqueles antigos varões amigos de Deus.

O povo hebreu não é um povo novo, pelo contrário, é sabido por todos que os homens sempre o reconheceram por sua antiguidade. Pois bem, seus documentos e escritos mencionam alguns homens antigos, escassos e espaçados no tempo, é certo, mas em troca, excelentes em religiosidade, em justiça e em todas as demais virtudes. Destes, alguns viveram antes do dilúvio, outros depois. E dentre os filhos e descendentes de Noé destaca-se especialmente Abraão, de quem os filhos dos hebreus se gabam de ter por autor e primeiro pai”.²

(o grifo é meu)

Por fim, mais uma vez Eusébio de Cesaréia mostra que a promessa de um povo novo se cumpre na Igreja:

“E a ele, assim justificado, mesmo antes da circuncisão, Deus, que lhe apareceu (e este Deus era o próprio Cristo, o Verbo de Deus), comunicou um oráculo a respeito dos que em tempos futuros seriam justificados do mesmo modo que ele; os termos da promessa são: E em ti serão benditos todos os povos da terra; e também: **E se fará um povo grande e numeroso, e nele serão benditos todos os povos da terra.**

Agora pois, pode-se estabelecer que isto foi cumprido em nós, porque efetivamente Abraão foi justificado por sua fé no Verbo de Deus, o Cristo que lhe apareceu, depois que deu adeus às superstições de seus pais e ao erro de sua vida anterior, e após confessar um só Deus, que está sobre todas as coisas, e de honrá-lo com obras de virtude, não com as obras da lei de Moisés, que veio mais tarde. E sendo assim, a ele foi dito que todas as tribos da terra e todos os povos seriam benditos nele”.³

(o grifo é meu)

Até mesmo dentro do Dispensacionalismo temos discordâncias de que Isaías 66:8 seria uma referência a criação da moderna nação de Israel em 14 de Maio de 1948. Um famoso dispensacionalista discorda da interpretação acima. Veja o que ele escreveu:

“Outra profecia que se tenta aplicar ao retorno de Israel à terra em 1948 é Isaías 66: “Antes que estivesse de parto, deu à luz; antes que lhe viessem as dores, deu à luz um menino. Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisas semelhantes? Poder-se-ia fazer nascer uma terra num só dia? Nasceria uma nação de uma só vez? Mas São esteve de parto e já deu à luz seus filhos” Is 66:7-8.

Por ter sido o atual estado de Israel fundado por decreto, ou seja, em um dia, tenta-se aplicar esta profecia ao ocorrido em 1948, mas basta ler o restante do capítulo para perceber que a profecia está falando do estabelecimento de Judá em obediência e santificação em sua terra depois da grande tribulação, quando Cristo voltar para estabelecer o seu reino. Então as outras tribos também serão juntadas a Judá e Benjamim para que todo o povo esteja completo. O estabelecimento de Israel em sua terra será uma obra de Deus, não das Nações Unidas, e será algo definitivo. Como poderia o povo que agora vive na Palestina achar que foi colocado ali pela mão do Messias que eles próprios rejeitaram? Pergunte a qualquer judeu se ele acredita que foi Jesus quem os levou de volta à terra e você saberá a resposta”.⁴

A interpretação de que Isaías 66:8 foi cumprido na fundação do moderno Estado de Israel é pelo fato de que “os dispensacionalistas perpetraram o mito de uma distinção entre Israel e Igreja que eles dizem que é baseado em uma leitura direta do Novo Testamento onde em um ponto particular da história bíblica o programa redentor de Deus mudou de Israel para uma nova entidade chamada “a Igreja”. É neste ponto, dispensacionalistas argumentam que o relógio profético de Israel parou e um “parêntese misterioso” chamada de Era da Igreja foi inserido entre a 69ª e 70ª semanas da profecia de Daniel (Daniel 9:24-27). A Era da Igreja vai acabar, então o argumento diz, quando a Igreja é “arrebatada”. Será nesta hora que o relógio da profecia começará marcando novamente e Deus mais uma

vez tratará com Israel durante os sete anos Grande Tribulação, 70ª semana de Daniel”.⁵

Diferente do que os dispensacionalistas pensam acerca da profecia de Daniel, Eusébio de Cesaréia diz que na primeira vinda visível de Cristo houve o cumprimento das setenta semanas de Daniel:

“Em seu tempo ocorreu visivelmente a vinda de Cristo e, segundo a profecia, seguiu-se a espera da salvação e vocação dos gentios. A partir desse tempo, efetivamente, os príncipes e mandatários originários de Judá, quero dizer, os que vinham do povo judeu, desapareceram, e em seguida naturalmente viram perturbados também os assuntos do sumo sacerdócio, que até então vinha sendo passado de modo estável de pais a filhos em cada geração”.⁶

“Tudo o que foi dito sirva também como prova do cumprimento de outra profecia referente à manifestação de Jesus Cristo nosso Salvador. **No livro de Daniel, a Escritura determina clara e expressamente um número de semanas até o Cristo-príncipe** - acerca do que fiz uma exposição detalhada em outra obras - **e profetiza que, depois de cumpridas estas semanas, seria extinta por completo a unção entre os judeus. Agora, pois, demonstra-se claramente que também isto se cumpriu com o nascimento de nosso Salvador Jesus Cristo.** Sirva o dito como exposição necessária para a verdade das datas”.⁷

(o grifo é meu)

Não irei aprofundar nesses assuntos, mas fica ao leitor duas opções agora: ou você crê como Eusébio de Cesaréia que Isaías 66:8 se cumpre na Igreja, ou crê que a criação do moderno Estado de Israel em 14 de Maio de 1948 seria o cumprimento dessa profecia. Eu prefiro ficar com a interpretação mais antiga, pois Jesus foi claro para os judeus quando disse que:

“Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos”.

(Mateus 21:43)

-
1. Israel 70 anos: Poder-se-ia fazer nascer uma terra num só dia?A última geração predita por Jesus. Por Eli Simberg. Site: www.overbo.news/israel-70-anos-poder-se-ia-fazer-nascer-uma-terra-num-so-dia/ Acessado Domingo, 22 de Novembro de 2020.
 2. História Eclesiástica, pg. 19. Livro I, IV:3-5. Eusébio de Cesaréia. Editora Novo Século. São Paulo 2002. Versão digital disponível na internet.
 3. Idem nº 2, pg. 20. Livro I, IV:12-13.
 4. Em 1948 cumpriu-se a profecia da volta de Israel? Mario Persona. Site: www.respondi.com.br/2013/03/em-1948-cumpriu-se-profecia-da-volta-de.html Acessado Domingo, 22 de Novembro de 2020.
 5. 10 Popular Prophecy Myths Exposed - The Last Days Might Not Be as Near as You Think. Copyright © 2010 Gary DeMar. All rights reserved.Published by The American Vision, Inc.Second Printing July 2010.The American Vision, Inc.3150 Florence RoadPowder Springs, Georgia 30127-5385 - www.AmericanVision.org
 6. Idem nº 2, pg. 22. Livro I, VI:8.
 7. Idem nº 2, pg. 22. Livro I, VI:11.

3

A morte de Tiago, o irmão do Senhor

A respeito de Tiago, o irmão do Senhor, Eusébio de Cesaréia relata:

“Naquele tempo também Tiago, o chamado irmão do Senhor - porque também ele era chamado filho de José; pois bem, o pai de Cristo era José, já que estava casado com a Virgem quando, antes que convivessem descobriu-se que havia concebido do Espírito Santo, como ensina a Sagrada Escritura dos evangelhos -; este mesmo Tiago pois, a quem os antigos puseram o sobrenome de Justo, pelo superior mérito de sua virtude, refere-se que foi o primeiro a quem se confiou o trono episcopal da Igreja de Jerusalém.

Clemente, no livro VI das Hypotyposes, adiciona o seguinte: “Porque -dizem - depois da ascensão do Salvador, Pedro, Tiago e João, mesmo tendo sido os preferidos do Salvador, não tomaram para si esta honra, mas elegeram como bispo de Jerusalém Tiago o Justo”.

E o mesmo autor, no livro VII da mesma obra, diz ainda sobre ele o que segue: “O Senhor, depois de sua ascensão, fez entrega do conhecimento a Tiago o Justo, a João e a Pedro, e estes o transmitiram aos demais apóstolos, e os apóstolos aos setenta, um dos quais era Barnabé.

Houve dois Tiagos: um, o Justo, que foi lançado do pináculo do templo e morto a golpes com um bastão; e o outro, o que foi decapitado”. Também Paulo menciona Tiago o Justo quando escreve: Outro apóstolo não vi além de Tiago, o irmão do Senhor”.¹

O martírio do apóstolo Tiago:

“Naquele tempo - evidentemente o de Cláudio -o rei Herodes pôs-se a maltratar alguns da Igreja.E matou Tiago, o irmão de João, com a espada.

Acerca deste Tiago, Clemente, no livro VII de suas Hypotyposeis, acrescenta um relato digno de menção, afirmando tê-lo tomado de uma tradição anterior a ele. Diz que aquele que o introduziu ante o tribunal, comovido ao vê-lo dar testemunho, confessou que também ele era cristão.

“Ambos pois, diz Clemente, foram levados juntos dali, e no caminho pediu que Tiago o perdoasse, e este, depois de olhá-lo um instante, disse: A paz esteja contigo, e beijou-o. E assim é que ambos foram decapitados ao mesmo tempo”.

Então, como diz a divina Escritura, vendo Herodes que sua façanha de assassinar Tiago tinha agradado aos judeus, tentou-o também contra Pedro, encarcerou-o e pouco faltou para que o executassem também se um anjo, por aparição divina, não houvesse aparecido a ele durante a noite e não o tivesse retirado milagrosamente da prisão, deixando-o livre para o ministério da pregação. Esta foi a providência disposição no que diz respeito a Pedro”.²

De como Tiago, chamado irmão do Senhor, sofreu o martírio:

“Ao apelar Paulo ao César e ser enviado por Festo à cidade de Roma¹⁵⁶, os judeus, frustrada a esperança que os induziu a conspirar contra ele, voltaram-se contra Tiago, o irmão do Senhor,a quem os apóstolos tinham confiado o trono episcopal de Jerusalém. O que segue é o que ousaram fazer também contra ele.

Trouxeram-no, e diante de todo o povo pediram-lhe que renegasse a fé de Cristo. Mas quando ele, contra a vontade de todos, com voz livre e falando mais abertamente do que esperavam, diante de toda a multidão pôs-se a confessar que nosso Salvador e Senhor Jesus era filho de Deus, já não foram capazes de suportar mais o testemunho deste homem, justamente porque era considerado o mais justo de todos pelo grau de sabedoria e piedade a que havia chegado em sua vida, e mataram-no, aproveitando oportunamente a falta de governo, pois tendo Festo morrido na Judéia neste tempo, a administração do país ficou sem chefe e sem controle.

O modo como ocorreu a morte de Tiago já foi esclarecido pelas palavras citadas de Clemente, que conta como o lançaram do pináculo do templo e espancaram-no até matá-lo. Mas quem conta com maior exatidão o que a ele se refere é Hegesipo, que pertence à primeira geração sucessora dos apóstolos e que no livro V de suas Memórias diz assim:

“Sucessor na direção da Igreja é, junto com os apóstolos, Tiago, o irmão do Senhor. Todos dão-lhe o sobrenome de "Justo", desde os tempos do Senhor até os nossos, pois eram muitos os que se chamavam Tiago.

Mas somente este foi santo desde o ventre de sua mãe. Não bebeu vinho nem bebida fermentada, não comeu carne; sobre sua cabeça não passou tesoura nem navalha e tampouco ungiu-se com azeite nem usou do banho.

Somente a ele era permitido entrar no santuário, pois não vestia lã, mas linho. E somente ele penetrava no templo, e ali se encontrava ajoelhado e pedindo perdão por seu povo, tanto que seus joelhos ficaram calejados como os de um camelo, por estar sempre de joelhos adorando a Deus e pedindo perdão para o povo.

Por sua eminente retidão era chamado "o Justo" e "Oblías", que em grego quer dizer proteção do povo e justiça, como declaram os profetas acerca dele.

Assim pois, alguns das sete seitas que há no povo e que eu descrevi anteriormente (nas Memórias) tentavam informar-se com ele quem era porta de Jesus, e ele respondia que este era o Salvador.

Alguns creram que Jesus era o Cristo. Mas as seitas mencionadas anteriormente não creram nem na ressurreição nem em que venha a dar a cada um segundo suas obras. Mas os que creram, creram por Tiago.

Sendo pois, muitos os que creram, inclusive entre as autoridades, os judeus, escribas e fariseus se alvoroçaram dizendo: todo o povo corre perigo ao esperar o Cristo em Jesus. Reuniram-se pois ante Tiago e disseram: Nós te pedimos: retém ao povo, que está em erro a respeito de Jesus, como se ele fosse o Cristo. Pedimos-te que convenças a respeito de Jesus todos os que vierem para o dia da Páscoa, porque a ti todos obedecem. Efetivamente, nós e todo o povo damos testemunho de ti, de que és justo e não te deixas levar pelas pessoas.

Tu pois, convence a toda a multidão para que não se engane a respeito do Cristo. Todo o povo e nós mesmos te obedecemos. Ergue-te pois sobre o pináculo do templo para que do alto sejas visível e todo o povo ouça tuas palavras, pois por causa da Páscoa reúnem-se todas as tribos, inclusive com os gentios.

E assim os mencionados escribas e fariseus puseram Tiago em pé sobre o pináculo do templo e disseram-lhe aos gritos: “O tu, o justo!, a quem todos devemos obedecer, posto que o povo anda extraviado atrás de Jesus o crucificado, diga-nos quem é a porta de Jesus”.

E ele respondeu com grande voz: “Por que me perguntam sobre o Filho do homem? Ele também está sentado no céu à direita do grande poder e há de vir sobre as nuvens do céu”.

E sendo muitos os que se convenceram completamente e ante o testemunho de Tiago, irromperam em louvores dizendo: “Hosana ao filho de Davi!”. Então os mesmos escribas e fariseus novamente disseram uns aos outros: “Fizemos mal em proporcionar tal testemunho a Jesus, mas subamos e lancemo-lo para baixo, para que tenham medo e não creiam nele”.

E puseram-se a gritar dizendo: “Oh! Oh! Também o Justo extraviou-se!” E assim cumpriram a Escritura que se encontra em Isaías: Tiremos de nosso meio o justo, que nos é incômodo. Então comerão o fruto de suas obras.

Subiram pois e lançaram abaixo o Justo. E diziam uns aos outros: “Apedrejemos a Tiago o Justo!” E começaram a apedrejá-lo, porque ao cair não chegou a morrer. Mas ele, virando-se, ajoelhou-se e disse: “Eu te peço Senhor, Deus Pai: Perdoa-os, porque não sabem o que fazem.

E quando estavam assim apedrejando-o, um sacerdote, um dos filhos de Recab, filho dos Recabim, dos quais o profeta Jeremias havia dado testemunho, gritava dizendo: Parai, que estais fazendo? O Justo roga por vós!

E um deles, tecelão, agarrou o bastão com que batia os panos e deu com este na cabeça do Justo, e assim foi que sofreu o martírio. Enterraram-no naquele lugar, junto ao templo, e ainda se conserva sua coluna naquele lugar ao lado do templo. Tiago era já um testemunho veraz para judeus e para gregos de que Jesus é o Cristo. E em seguida Vespasiano os sitiou”.

Isto é o que Hegesipo relata minuciosamente, concordando ao menos com Clemente. Tiago era um homem tão admirável e tanto havia-se espalhado entre todos a fama de sua retidão, que até os

judeus sensatos pensavam que esta era a causa do assédio de Jerusalém, iniciado imediatamente depois de seu martírio, e que por nenhum outro motivo estavam eles sofrendo-o senão pelo crime sacrílego cometido contra ele.

Na verdade, pelo menos Josefo não vacilou em atestar também isto por escrito com estas palavras: “Isto sucedeu aos judeus como vingança por Tiago o Justo, irmão de Jesus, o chamado Cristo, porque exatamente os judeus o mataram, ainda que fosse um homem justíssimo”.

O mesmo autor descreve também a morte de Tiago no livro XX de suas Antiguidades com estas palavras: “Sabendo César da morte de Festo, enviou a Albino como governador da Judéia. Mas Ananos o Jovem, sobre quem já dissemos que havia recebido o sumo sacerdócio, tinha um caráter especialmente resoluto e atrevido e formava parte da seita dos Saduceus, que nos juízos eram justamente os mais cruéis entre os judeus, como já demonstramos.

Ananos sendo pois assim, considerando oportuna a ocasião por haver morrido Festo e achar-se Albinus ainda a caminho, convocou a assembléia de juízes, e fazendo conduzir perante ela o irmão de Jesus, chamado Cristo - chamava-se Tiago - e alguns mais para acusá-los de violar a lei, entregou-os para que fossem apedrejados.

Mas todos os cidadãos considerados os mais sensatos e mais fiéis observadores da lei levaram a mal esta sentença e enviaram uma delegação secreta ao rei¹⁶⁸ para pedir-lhe que escrevesse a Ananos para que não levasse a cabo tal coisa, porque já desde o começo não agia com retidão. Alguns deles inclusive saíram ao encontro de Albinus, que viajava desde Alexandria, para informá-lo de que sem seu parecer não era permitido a Ananos convocar a assembleia.

Persuadido Albinus com o que lhe disseram, escreveu irritado a Ananos, ameaçando-o de pedir-lhe contas. E o rei Agripa destituiu-o por este motivo do sumo sacerdócio, que exercia há três meses, e

instituiu a Jesus, o filho de Dameo”. Esta é a história de Tiago, do qual se diz que é a primeira carta das chamadas católicas.

Mas deve-se saber que não é considerada autêntica. Dos antigos não são muitos os que a mencionam, assim como a chamada de Judas, que é também uma das sete chamadas católicas. Ainda assim, sabemos que também estas, junto com as restantes, são utilizadas publicamente na maioria das igrejas”.³

O teólogo Gary DeMar em seu livro *The Early Church and the End of the World* (A Igreja Primitiva e o Fim do Mundo), resume bem a respeito da história de Tiago:

“Um “fragmento de evidência” do irmão de Jesus

Na história eclesiástica de Eusébio, escrita no século quarto, ficamos sabendo de um incidente que levou ao martírio de Tiago, irmão de Jesus. A história original vem do segundo século e o historiador Hegesipo foi quem escreveu suas notas sobre a história da igreja entre 165 e 175 d.C. A história é contada, quando Tiago foi chamado por um grupo de escribas e fariseus para estabelecer o que ele acreditava que era a verdade do alegado messianismo de Jesus; Hegesipo relata que Tiago afirmou que Jesus “está para vir sobre as nuvens do céu”. Tiago continuou: “Por que me perguntas a respeito de Jesus o filho do homem? Ele agora está sentado nos céus, à direita de grande Poder, e está para vir sobre as nuvens do céu”.

A palavra grega *mellow*, “prestes a”, “comunica um sentido de imediatismo”. Se o autor não quisesse enfatizar o imediato aspecto da vinda de Cristo, ele ainda poderia ter enfatizado a certeza de que Cristo está vindo com [a palavra grega] *erketai*, omitindo assim o fator imediato”. Depois de ouvir a alusão óbvia de Tiago a Mateus 26:64, os oficiais do templo, jogou-o para baixo da “asa do templo” e depois apedrejou-o e bateu em seu cérebro com um porrete. “Imediatamente depois disso”, escreve Hegesipo, “Vespasiano invadiu e tomou a Judéia”. Tiago, o irmão de Jesus, acreditava que a

vinda de Jesus estava “prestes a acontecer”. Hegessipus identifica a vinda de Jesus “nas nuvens do céu” com a destruição de Jerusalém em 70 d.C.”.⁴

É interessante que tanto Hegesipo como Eusébio de Cesaréia não têm problemas em identificar a vinda de Jesus “nas nuvens do céu” com a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Para um intérprete moderno, acostumado com a interpretação futurista e seu literalismo as vezes extremos, fica difícil aceitar que uma vinda nas nuvens seria apenas uma frase simbólica indicando a vinda do Senhor em juízo. Este não era um problema nem mesmo para o profeta Isaías, quando escreveu:

“Sentença contra o Egito. **Eis que o Senhor, cavalcando uma nuvem ligeira**, vem ao Egito; os ídolos do Egito estremecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá dentro deles”.

(Isaías 19:1 – o grifo é meu)

Apesar de crer que uma vinda nas nuvens é um simbolismo de juízo, creio que o Senhor Jesus voltará corporalmente um dia. Virá literalmente com Seu corpo físico glorioso. As palavras de Atos 1:9-11 declaram isto claramente:

“Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos.

E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir”.

(Ver também 1ª Tessalonicenses 4:13-18; 1ª Coríntios 15:52-52)

1. História Eclesiástica, pg. 33. Livro II, I:2-5. Eusébio de Cesaréia. Editora Novo Século. São Paulo 2002. Versão digital disponível na internet.

2. Idem nº 1, pg. 38. Livro II, IX:1-4.
3. Idem nº 1, pg. 47. Livro II, XXIII:1-25.
4. The Early Church and the End of the World, pg. 35. Gary DeMar & Francis X. Gumerlock. Copyright © 2006 - American Vision - P.O. Box 220 | Powder Springs, GA | 30127 | www.AmericanVision.org | 1.800.628.9460 | Versão e-book.

4

A grande fome profetizada por Ágabo

“...e, apresentando-se um deles, chamado Ágabo, dava a entender, pelo Espírito, que estava para vir grande fome por todo o mundo, a qual sobreveio nos dias de Cláudio”.

(Atos 11:28)

A partir deste capítulo vou tratar acerca da profecia de Apocalipse. É importante que desde já fique bem claro para o leitor que no Preterismo Parcial o Sermão Profético de Mateus 24, Marcos 13, Lucas 21 e o livro de Apocalipse refere-se a guerra de Roma contra Jerusalém que ocorreu no ano 70 d.C. O Sermão profético encontrado nos três evangelhos sinóticos é considerado um mini apocalipse, ao passo que o Apocalipse de João trata com mais detalhes, ainda que simbolicamente, da guerra de Roma contra Jerusalém. Do capítulo 1 até a metade do capítulo 20 de Apocalipse temos o julgamento de Deus contra Israel, o fim da Antiga Aliança. A partir da metade do capítulo 20 até o capítulo 22 a profecia dada a João refere-se aos tempos da Nova Aliança até a Segunda Vinda de Cristo. Tendo tudo isso em mente, caso o leitor não seja um preterista, não estranhará que associe partes do Apocalipse com a guerra judaico-romana ocorrida nos anos 66-70 d.C.

Agora voltando sobre o profeta Ágabo, Eusébio de Cesaréia escreveu:

“Ágabo era também um dos profetas que estava com eles e predizia como iminente uma grande fome, devido a isto Paulo e Barnabé foram enviados para pôr-se a serviço da assistência aos irmãos”.¹

Mais à frente, ele completa:

“Caio, porém, não chegou a cumprir os quatro anos de exercício do comando. Sucedeu-o como imperador Cláudio, sob o qual se abateu sobre o mundo uma grande fome (e isto nos transmitem em suas histórias mesmo os escritores mais alheios a nossa doutrina) e cumpriu-se a predição do profeta Ágabo, segundo os Atos dos Apóstolos, de que era iminente uma grande fome sobre todo o mundo.

Lucas descreveu nos Atos a grande fome dos tempos de Cláudio, e depois de narrar como os irmãos de Antioquia enviaram socorro aos irmãos da Judéia por meio de Paulo e Barnabé...”²

Ao falar do impostor Teudas, Eusébio menciona novamente a fome no tempo de Cláudio:

“Fado não lhes permitiu saborear sua loucura, mas enviou contra eles um esquadrão de cavalaria que caiu-lhes em cima de surpresa, e deu morte a muitos e capturou muitos vivos. O próprio Teudas foi pego vivo, cortaram-lhe a cabeça e a levaram a Jerusalém. Em continuação a isto, Josefo menciona também a grande fome que houve nos tempos de Cláudio, como segue”:³

“Neste tempo ocorreu que houve a grande fome na Judéia. Durante esta, a rainha Elena gastou muito dinheiro na compra de trigo egípcio, que distribuía aos necessitados”.

Vemos que também isto concorda com o texto dos Atos dos Apóstolos, que relata como os discípulos de Antioquia decidiram enviar algo, cada um segundo suas possibilidades, em socorro dos que habitavam na Judéia; o que fizeram enviando-o aos anciãos por mãos de Barnabé e Paulo”.⁴

No livro III de sua *História Eclesiástica*, Eusébio diz sobre como a fome assolou os judeus:

“Assim pois, se tomas outra vez em tuas mãos o livro V das Histórias de Josefo, leia a tragédia que lhes aconteceu então:

“Para os ricos - diz - ficar era o mesmo que perder-se, pois, sob pretexto de que deservedam, assassinavam qualquer um pelos seus bens. Com a fome crescia o desespero dos rebeldes, e dia a dia uma e outro se acendiam terrivelmente.

O trigo estava invisível, mas eles invadiam as casas e as revistavam. Então, se o encontravam, maltratavam-nos por ter negado; se não o encontravam, torturavam-nos por tê-lo escondido tão cuidadosamente. A prova de ter ou não ter eram os corpos dos desgraçados: os que ainda se aguentavam em pé pareciam ter alimentos em abundância; os que já estavam consumidos eram deixados em paz: parecia fora de propósito matar alguém que logo morreria de inanição.

Muitos davam secretamente seus bens em troca de uma medida de trigo se eram ricos; de cevada os mais pobres. Trancavam-se no mais oculto de suas casas e, impelidos pela necessidade, uns comiam o trigo cru; outros o coziavam à medida que a necessidade e o medo ditavam”.⁵

Essa escassez e luta por trigo, bem como a frase “uma medida de trigo” usada por Eusébio de Cesaréia, faz lembrar do castigo que João previu contra os judeus em Apocalipse:

“Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizendo: Vem! Então, vi, e eis um cavalo preto e o seu cavaleiro com uma balança na mão.

E ouvi uma como que voz no meio dos quatro seres viventes dizendo: Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário; e não danifiquês o azeite e o vinho”.

(Apocalipse 6:5-6)

Em meu comentário preterista sobre o Apocalipse comentei sobre este versículo:

“A cor preta simboliza “angústia e desespero. Jeremias profetizou de um castigo divino que traria tristeza profunda sobre a terra, deixando as cidades desamparadas. Ele disse: “Por isso, a terra pranteará, e os céus acima se enegrecerão” (Jeremias 4:28). Devido à repreensão de Deus, os céus se tornam escuros (Isaías 50:2).

Uma balança na mão: A balança é usada para pesar. O versículo 6 mostrará o sentido de pesar comida para vender. A ideia de pesar a comida já sugere escassez e sofrimento (Ezequiel 4:10,16)”.

Temos aqui uma cena dos horrores provocados pela guerra. A “medida de trigo” era como se fosse à ração diária de uma pessoa. Um denário era a diária de um trabalhador em Israel no primeiro século. Uma “medida de trigo por um denário” foi um preço muito alto, talvez, tanto “quanto dez vezes o preço normal, e indica uma grave escassez, como resultado da guerra. [...] A fome é uma das maldições prometidas por Deus para quem quebra a sua aliança”. “Quando eu vos tirar o sustento do pão, dez mulheres cozerão o vosso pão num só forno e vo-lo entregarão por peso; comereis, porém não vos fartareis”. (Levítico 26.26)”⁶

A fome durante o cerco a Jerusalém foi tão avassaladora que Eusébio assim a expressa:

“E no livro VII escreve o seguinte:

“Foi infinito o número dos que pereceram na cidade por fome, e os padecimentos eram indizíveis. Em cada casa havia guerra como se aparecesse em um canto uma sombra de comida, e os que mais se queriam entre si pegavam-se aos tapas para tirar o miserável sustento da vida. Nem sequer nos moribundos confiava a necessidade.

Os ladrões revistavam inclusive os que estavam expirando, para que alguém não escondesse alimentos sob a roupa e fingisse estar morto. Outros, com a boca aberta por efeito da desnutrição, andavam cambaleando e desancados como cães raivosos e empurravam as portas como fazem os bêbados e, em sua impotência, entravam nas mesmas casas duas ou três vezes em uma só hora.

A necessidade fazia com que levassem tudo à boca, e quando recolhiam alimentos até indignos dos animais irracionais mais repugnantes, levavam-no para comer escondido, a assim acabaram por não abster-se nem dos cintos e dos calçados, tiravam as peles de seus escudos e as mastigavam. Para alguns até fiapos de ervas velhas eram alimento, outros recolhiam fibras de plantas e vendiam uma porção mínima por quatro dracmas áticos”.⁷

Citando o historiador Flávio Josefo, Eusébio de Cesaréia conta em detalhes a história de uma mulher que devido a muita fome comeu o próprio filho:

“Os tiranos tiraram-lhe todos os bens que havia reunido e levado consigo à cidade desde Peréia. O resto de seu enxoval e o pouco alimento que encontraram foi sendo roubado por pessoas armadas que entravam a cada dia. Foi grande a indignação daquela pobre mulher, que muitas vezes injuriava e maldizia os ladrões para excitá-los contra si mesma.

Mas como ninguém a matava, movidos pela ira ou pela compaixão, e cansada de buscar alimentos para outros, que já eram impossíveis de encontrar em parte alguma, com as entranhas e a medula trespassadas pela fome, tomou como conselheiras a cólera e a necessidade e se lançou contra a natureza, agarrou o filho que tinha - criança ainda de peito - e disse:

Criatura desgraçada! Em meio à guerra, à fome e à revolta, para quem vou guardar-te? Entre os romanos, se por acaso cairmos vivos em suas mãos, a escravidão; mas a fome se antecipa à própria escravidão e os rebeldes são ainda piores do que ambas as coisas. Eia! Seja alimento para mim, maldição para os rebeldes e fábula para o mundo: a única coisa que faltava às calamidades dos judeus!

E enquanto dizia estas coisas, deu morte a seu filho. Depois assou-o e comeu a metade; o resto guardou escondido. Em seguida apareceram os rebeldes, e farejando a ímpia exalação, ameaçaram a mulher de degolá-la imediatamente se não lhes mostrasse o que tinha preparado. Ela então lhes disse que para eles guardara uma boa porção e revelou o que restava de seu filho.

O horror e o pasmo surpreendeu-os na hora e ficaram cravados no lugar diante daquele espetáculo. Mas ela disse: é meu próprio filho e eu o fiz. Comei, pois também eu comi. Não sejais mais brandos do que uma mulher nem mais compassivos do que uma mãe. Mas se por escrúpulos piedosos recusais meu sacrifício, eu já comi por vós, fique o resto também para mim”.⁸

Esse episódio é o cumprimento exato do que está escrito em Deuteronômio 28:53, 56-57:

“Comerás o fruto do teu ventre, a carne de teus filhos e de tuas filhas, que te der o SENHOR, teu Deus, na angústia e no aperto com que os teus inimigos te apertarão.

A mais mimosa das mulheres e a mais delicada do teu meio, que de mimo e delicadeza não tentaria pôr a planta do pé sobre a terra,

será mesquinha para com o marido de seu amor, e para com seu filho, e para com sua filha; mesquinha da placenta que lhe saiu dentre os pés e dos filhos que tiver, porque os comerá às escondidas pela falta de tudo, na angústia e no aperto com que o teu inimigo te apertará nas tuas cidades”.

Em meio a essas desgraças ocorridas contra os judeus no cerco a Jerusalém nos anos 66-70 d.C., é muito interessante que Eusébio cita indiretamente o cumprimento de Apocalipse 9:6 que diz:

“Naqueles dias, os homens buscarão a morte e não a acharão; também terão ardente desejo de morrer, mas a morte fugirá deles”.

O castigo aqui em questão contra os judeus é o da quinta trombeta, quando a “uma estrela caída do céu na terra” é dada “a chave do poço do abismo”, e dali “saíram gafanhotos para a terra” (Apocalipse 9:1-5). O interessante é que em relação “aos homens que não têm o selo de Deus sobre a fronte” aos gafanhotos “foi-lhes também dado, não que os matassem, e sim que os atormentassem durante cinco meses. E o seu tormento era como tormento de escorpião quando fere alguém”.

Algo parecido aconteceu em meio a fome descrita por Flávio Josefo e Eusébio de Cesaréia (preste atenção nas palavras grifadas em negrito):

“Depois disto, aqueles foram-se tremendo: foi a única vez em que se acovardaram e que, de malgrado, cederam à mãe tal comida. Em seguida a cidade inteira encheu-se de horror, e todo o mundo estremeceu ao ser-lhe apresentado frente aos olhos aquele crime como sendo seu próprio.

E entre os esfomeados **havia pressa para morrer e uma certa inveja pelos que haviam se adiantado morrendo** antes de ouvir e contemplar semelhantes horrores”.⁹

(o grifo é meu)

Quando eu era futurista-dispensacionalista achava que a profecia de Apocalipse 9:6 significava que no fim dos tempos as pessoas iriam pular de prédios, ou por outros meios tentariam o suicídio em vão, pois seriam imortais por um período de cinco meses conforme a profecia. Hoje vejo que não somente eu estava equivocado, como também por desconhecer a Escritura ignorei que João tirou essa cena de Apocalipse 9:6 de uma passagem do Antigo Testamento. No livro de Jó encontramos semelhante aflição:

“Por que se concede luz ao miserável e vida aos amargurados de ânimo, que esperam a morte, e ela não vem? Eles cavam em procura dela mais do que tesouros ocultos.

Eles se regozijariam por um túmulo e exultariam se achassem a sepultura”.

(Jó 3:20-22)

Tanto o patriarca Jó como o apóstolo João, estavam falando de um estado deplorável de angústia que chega ao ponto da pessoa desejar a morte ao mesmo tempo que a capacidade de se suicidar está ausente. O teólogo David Chilton descreveu muito bem esse caso de horror na Grande Tribulação sofrida no cerco a Jerusalém:

*“Toda a geração estaria possuída pelos demônios; a progressiva loucura nacional é evidente ao ler o Novo Testamento, e suas horríveis etapas finais são ilustradas nas páginas de *As Guerras dos Judeus* de Josefo: a perda de toda a habilidade de raciocinar; as turbas delirantes que se atacavam uns aos outros, as multidões que seguiam a profetas claramente falsos; a busca enlouquecida e desesperada por comida, as matanças em massa, aprisionamentos, suicídios, pais que assassinavam seus próprios familiares e as mães comiam a seus próprios filhos. Em verdade, Satanás e suas hostes enxameavam por toda a terra de Israel consumindo aos apóstatas”.*¹⁰

Como um bom preterista que era, Eusébio de Cesaréia diz que esse desespero dos judeus “esfomeados” com “pressa para morrer e uma certa inveja pelos que haviam se adiantado morrendo antes de ouvir e contemplar semelhantes horrores”, aconteceu porque foi,

“a recompensa dos judeus por sua iniquidade e impiedade para com o Cristo de Deus”.¹¹

E sobre o Sermão Profético de Mateus 24, ele ainda acrescenta que é um cumprimento da “pregação infalível de nosso Salvador”:

“É justo acrescentar a pregação infalível de nosso Salvador pela qual mostrava estas mesmas coisas quando profetizava assim: Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado; porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, nem haverá jamais”.¹²

Baseado nos escritos de Flávio Josefo, Eusébio escreveu:

“Somando o número total de mortos, o escritor diz que pela fome e pela espada pereceram um milhão e cem mil pessoas; que os rebeldes e bandidos que ainda sobraram foram se denunciando uns aos outros depois da tomada da cidade e foram executados; que os jovens mais esbeltos e que sobressaíam por sua beleza física foram reservados para a cerimônia do "triunfo", e do resto da população, os que passavam de dezessete anos, uns eram enviados acorrentados aos trabalhos forçados no Egito, e outros, mais numerosos, foram distribuídos pelas províncias para fazê-los perecer nos teatros pela espada ou pelas feras; e os que ainda não tinham chegado aos dezessete anos eram conduzidos cativos para serem vendidos. Somente destes o número dava um total de uns noventa mil”.¹³

Enquanto muitos hoje pensam em um cumprimento em nosso futuro, o fato é que a morte e a escravidão dos judeus segundo a descrição acima cumpre Lucas 21:23-24:

“Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo.

Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”.

-
1. História Eclesiástica, pg. 35. Livro II, III:4. Eusébio de Cesaréia. Editora Novo Século. São Paulo 2002. Versão digital disponível na internet.
 2. Idem nº 1, pg. 38. Livro II, VIII:1-2.
 3. Idem nº 1, pg. 39. Livro II, XI:3.
 4. Idem nº 1, pg. 40. Livro II, XII:1-2.
 5. Idem nº 1, pg. 54. Livro III, VI:1-2.
 6. Comentário Preterista sobre o Apocalipse, pg. 157. Volume Único – 2ª Edição Ampliada. César Francisco Raymundo. Revista Cristã Última Chamada. Novembro de 2015. Site: www.revistacrista.org
 7. Idem nº 1, pg. 56. Livro III, VI:17-19.
 8. Idem nº 1, pg. 56. Livro III, VI:22-26.
 9. Idem nº 1, pg. 57. Livro III, VI:27-28.
 10. A Grande Tribulação, pg. 94. David Chilton. Tradução: João Ricardo Ferreira de França. Site: www.revistacrista.org
 11. Idem nº 1, pg. 57. Livro III, VI:27-28.
 12. Idem nº 1, pg. 57. Livro III, VII:1.
 13. Idem nº 1, pg. 57. Livro III, VII:2.

5

As desventuras dos judeus

“Tanto é assim, irmãos, que vos tornastes imitadores das igrejas de Deus existentes na Judeia em Cristo Jesus; porque também padecestes, da parte dos vossos patrícios, as mesmas coisas que eles, por sua vez, sofreram dos judeus, os quais não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas, como também nos perseguiram, e não agradam a Deus, e são adversários de todos os homens, a ponto de nos impedirem de falar aos gentios para que estes sejam salvos, a fim de irem enchendo sempre a medida de seus pecados. **A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente**”.

(1ª Tessalonicenses 2:14-16 – o grifo é meu)

As desventuras que os judeus sofreram depois da morte e ressurreição de Cristo até o ano 70 d.C. nos ajuda, de acordo com os escritos de Eusébio de Cesaréia, a entender um detalhe obscuro dessa passagem de 1ª Tessalonicenses 2:14-16. Quando o apóstolo Paulo, em referência aos judeus, diz que “a ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente”, vemos que o problema está nas palavras “sobreveio” e “definitivamente”.

Pelo que sabemos na escatologia preterista, a ira definitiva contra os judeus veio no ano 70 d.C. com a destruição total da nação judaica, e não antes do ano 70 d.C. conforme sugere o apóstolo Paulo. O

grande escritor reformado Jonathan Edwards (1703-1758), escreveu um excelente resumo que pode nos ajudar nesse problema:

“O grau de sua punição, é o grau máximo. Isso pode ser a respeito tanto de um castigo nacional como pessoal. Se tomarmos isso como uma punição nacional, um pouco depois do tempo quando a epístola foi escrita, a ira veio sobre a nação dos judeus até o extremo, em sua terrível destruição pelos romanos; quando, como Cristo disse, “porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais” (Mateus 24:21). Essa nação já havia sofrido muitos dos frutos da ira divina pelos seus pecados; mas isso foi além e tudo isso era o seu maior grau de punição como nação. Se tomarmos isso como um castigo pessoal, então eles cumprem seus castigos no inferno. Deus muitas vezes castiga os homens de forma muito terrível neste mundo; mas no inferno “a ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente”.

- Por esta expressão também é indicado a certeza desse castigo. Apesar da punição ser então futura, mas é falado como presente: “a ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente”. Era tão certo como se fosse já houvesse ocorrido. Deus, que sabe tudo, fala de coisas que não são como se já estivessem; as coisas presentes e o futuro delas é igualmente certo para Ele. Isso também denota a aproximação próxima disso. A ira vem; isto é, ela está à mão; está na porta; como provou em relação a essa nação; sua terrível destruição pelos romanos foi logo depois que o apóstolo escreveu esta epístola”.¹

Outra alternativa para resolver sobre o tempo verbal no passado da frase “a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim”, encontramos em dois exemplos do Antigo Testamento:

“Porque **um menino nos nasceu**, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome:

Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”.

(Isaías 9:6 - o grifo é meu)

“Quando Israel era menino, eu o amei muito, **e do Egito chamei o meu filho**”.

(Oséias 11:1 - o grifo é meu)

Na primeira profecia sobre o futuro nascimento de Cristo, escrita por Isaías setecentos anos antes, temos a frase dessa profecia no tempo passado: “um menino nos nasceu”. O tempo verbal no passado também está na profecia do profeta Oséias. Embora Deus esteja falando de um evento passado na história de Israel, essa profecia de Oséias é aplicada a Cristo em Mateus 2:14-15:

“E, levantando-se ele, tomou o menino e sua mãe, de noite, e foi para o Egito.

E esteve lá, até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho”.

Creio que a explicação de Jonathan Edwards, bem como os dois exemplos do Antigo Testamento citados a pouco, são úteis e devem ser aplicados a passagem de 1ª Tessalonicenses 2:14-16. Mas, não tenho dúvidas de que é Eusébio de Cesaréia quem fecha a questão com chave de ouro. Ele mostra em seus escritos que as desventuras dos judeus foram progressivas até chegar no castigo final e definitivo do ano 70 d.C.

Em sua *História Eclesiástica*, livro II, V:6, Eusébio escreveu:

“Mas o próprio Fílon, em sua obra *Embaixada*, expõe com todos os detalhes e exatidão o que fez na ocasião. Deixarei de lado quase tudo e citarei somente aquilo que ajude os leitores a ter uma prova manifesta das desventuras que ao mesmo tempo ou em rápida

seqüência caíram sobre os judeus por causa dos crimes contra Cristo”.²

Note o leitor que Eusébio entende que as desventuras dos judeus aconteceram progressivamente, quando faz uso da frase “ao mesmo tempo ou em rápida seqüência” e isto “por causa dos crimes contra Cristo”. Nestas palavras Eusébio de Cesaréia está de acordo com a interpretação preterista de que aquela geração de judeus que rejeitaram a Cristo sofreriam o pior dos castigos que um povo poderia sofrer. O Senhor Jesus fala sobre isto em Mateus 23:35-36:

“...para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar.

Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração”.

No capítulo VI:1-8 do livro II, Eusébio conta acerca dos males que desabaram sobre os judeus depois de sua maldade contra Cristo. Cito a seguir somente o essencial dessas passagens (o conteúdo grifado em negrito é meu):

“Fílon segue narrando que, depois da morte de Tibério, Caio assumiu o poder **e começou a cometer muitas atrocidades contra muitos, mas sobretudo de forma a prejudicar tanto quanto possível a toda a raça judia**. Mas será melhor conhecer isto brevemente por suas próprias obras, nas quais escreve textualmente:

“Extraordinariamente caprichoso era o caráter de Caio para com todos, **mas muito especialmente contra a raça judia, à qual tinha um ódio implacável**. Nas cidades, começando por Alexandria, apoderou-se das sinagogas e encheu-as de imagens e estátuas com sua própria figura (pois ele que permitia a outros erguê-las, também as erigia por seu próprio poder), e na Cidade

Santa o templo, que até então saíra intacto por ser considerado digno de toda inviolabilidade, foi por ele transformado em seu próprio templo, chamando-o: Templo de Caio, Novo Zeus Epifano”.

O mesmo autor, num segundo livro que escreveu, intitulado *Sobre as virtudes*, narra **outras inumeráveis e indescritíveis calamidades ocorridas aos judeus em Alexandria** nesta época. Com ele concorda também Josefo, **ao notar igualmente que os infortúnios que caíram sobre toda arábia judia tiveram início nos tempos de Pilatos e dos crimes contra o Salvador.**

Mas ouçamos o que este declara textualmente no livro II de sua Guerra dos judeus quando diz: “Enviado por Tibério à Judéia como procurador, Pilatos faz entrar durante a noite em Jerusalém, encobertas, as efígies do César, as chamadas insignias. Ao nascer o dia isto **produziu enorme comoção entre os judeus**, que aproximando-se para ver, **ficaram aterrorizados: suas leis tinham sido pisoteadas**, já que de forma alguma permitiam que na cidade se levantassem imagens”.

Se comparamos tudo isto com a Escritura do Evangelho, veremos que não tardaram muito para serem alcançados pelo grito que proferiram em presença do próprio Pilatos quando gritavam que não tinham outro rei que não o César.

Mas há ainda outra calamidade que alcançou os judeus e que o mesmo escritor narra em continuação como segue: “E depois disto causou outra agitação quando esvaziou o tesouro sagrado chamado Corbã, gastando-o para trazer as águas desde uma distância de trezentos estádios. Ante isto o povo enfureceu-se e, quando Pilatos se apresentou em Jerusalém, rodearam-no vociferando a uma só voz.

Mas ele contava já com a agitação dos judeus e tinha ordenado que se misturassem entre eles soldados armados, camuflados com trajes do povo, proibidos de usarem as espadas, mas com ordem de

golpear com bastões os que gritassem. De seu assento ele deu o sinal. Os judeus foram feridos, muitos morreram sob os golpes e muitos foram esmagados pelos demais em fuga. A plebe, impressionada pelo infortúnio dos caídos, emudeceu”.

O mesmo autor faz saber ainda que além destas ocorreram em Jerusalém muitas outras revoltas, afirmando que desde aquele tempo, nem na cidade nem em toda a Judéia faltaram sedições, guerras e maldosas tramas de uns contra outros, até que finalmente chegou o assédio de Vespasiano. **Assim é que a justiça divina alcançava os judeus por seus crimes contra Cristo**”.³

Observe o leitor que Eusébio associa essas calamidades “a justiça divina [que] alcançava os judeus por seus crimes contra Cristo”, ou por causa dos “crimes contra o Salvador”. A culpa daquela geração de judeus está bem documentada nos escritos do Novo Testamento (Mateus 11:16-18; 12:38-42, 45; 17:17; 21:33-43; 27:25; Marcos 8:38; Lucas 11:29-30; 23:27-30; João 8:42-44; Atos 3:13-15; 5:30-32; 7:51-52; Romanos 2:28-29; 9:6-8; 1ª Tessalonicenses 2:14-16; Filipenses 3:2-3; Apocalipse 2:9; 3:9).

Essa mesma malignidade daquela geração de judeus que o Novo Testamento descreve, Eusébio de Cesaréia a descreve usando as palavras do historiador Flávio Josefo:

“Depois de acrescentar mais algumas coisas, continua dizendo: “Eu não poderia deixar de expressar o que o sentimento me ordena: creio que, se os romanos tivessem demorado em sua ação contra os culpados, o abismo teria engolido a cidade, ou as águas a teriam submergido, ou teria sido alcançada pelos raios de Sodoma, pois a geração que continha era muito mais ímpia do que as que sofreram estes castigos. E pela demência criminoso destas pessoas, o povo inteiro pereceu com elas”.

Seguindo a interpretação correta da profecia do Novo Testamento, Eusébio concorda com o ensino preterista sobre o fato de que os judeus encheram a medida de seus pecados no tempo dos apóstolos:

“Depois de Nero ter exercido o poder durante treze anos, e tendo os reinados de Galba e Oto durado um ano e seis meses, Vespasiano, que havia se distinguido nas operações bélicas contra os judeus, foi nomeado imperador na própria Judéia, após ser proclamado senhor absoluto pelo exército ali acampado. Encaminhando-se então a Roma, pôs em mãos de seu filho Tito a guerra contra os judeus.

Depois da ascensão de nosso Salvador, **os judeus acrescentaram ao crime cometido contra ele a invenção de inúmeras ameaças contra seus apóstolos:** Estevão foi o primeiro que eliminaram, apedrejando-o; depois dele, Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João, a quem decapitaram; e depois de todos, Tiago, o que depois da ascensão de nosso Salvador foi o primeiro designado para o trono episcopal de Jerusalém e morreu da forma que já descrevemos. **E os demais apóstolos sofreram milhares de ameaças de morte e foram expulsos da terra da Judéia.** Porém, com o poder de Cristo, que havia-lhes dito: Ide e fazei discípulos de todas as nações em meu nome, dirigiram seus passos para todas as nações para ensinar a mensagem.

E não apenas eles. Também o povo da igreja de Jerusalém, por seguir um oráculo enviado por revelação aos notáveis do lugar, receberam a ordem de mudar de cidade antes da guerra e habitar certa cidade da Peréia chamada Pella. Tendo os que creram em Cristo emigrado até lá desde Jerusalém, a partir deste momento, como se todos os homens santos tivessem abandonado por completo a própria metrópole real dos judeus e toda a região da Judéia, **a justiça divina alcançou os judeus pelas iniquidades que cometeram contra Cristo e seus apóstolos, e apagou dentre os homens toda aquela geração de ímpios”.**⁵

(o grifo é meu)

Ao dizer que “os judeus **acrescentaram** ao crime cometido contra ele [Cristo]”, Eusébio concorda com as palavras do Novo Testamento que dizem:

“Assim, contra vós mesmos, testificais que sois filhos dos que mataram os profetas.

Enchei vós, pois, a medida de vossos pais”.

(Mateus 23:31-32 – o grifo é meu)

“Padeceste de vossos próprios concidadãos o mesmo que eles padeceram dos judeus, os quais mataram o Senhor Jesus e os seus próprios profetas, e a nós nos perseguiram. Eles não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens, e nos impedem de falar aos gentios para que estes sejam salvos. **Desta forma sempre enchem a medida de seus pecados.** A ira de deus caiu sobre eles afinal”.

(1ª Tessalonicenses 2:14b-16 – o grifo é meu)

E o próprio livro de Apocalipse informa que os mártires da igreja primitiva completariam o número daqueles que deveriam sofrer até que a medida dos judeus fosse completada, para que o juízo de Deus os atingisse:

“Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam.

Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?

Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, **até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram”.**

(Apocalipse 6:9-11 – o grifo é meu)

O Abominável da Desolação

“Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda)...”.

(Mateus 24:15)

Diferente dos futuristas que dizem que o Abominável da Desolação será um futuro Anticristo, Eusébio de Cesaréia associa essa personagem ao cerco a Jerusalém nos anos 66-70 d.C.:

“Quem pois quiser saber com exatidão os males que então caíram sobre a nação em todo lugar, e como especialmente os habitantes da Judéia viram-se empurrados ao fundo das calamidades, quantos milhares de jovens, de mulheres e de crianças morreram pela espada, pela fome, e inúmeras outras formas de morte, e quantas e quais cidades da Judéia foram sitiadas, e também quantos horrores e pior do que horrores atingiram os que se refugiaram na mesma Jerusalém, por ser uma metrópole muito fortificada, assim como a índole de toda a guerra, os acontecimentos que nela se sucederam e como, finalmente, **a abominação da desolação anunciada pelos profetas se instalou no próprio templo de Deus**, tão célebre antigamente, que sofreu todo tipo de destruição e, por último, foi aniquilado pelo fogo: tudo isso encontrará na narrativa escrita por Josefo”.⁶

(o grifo é meu)

Outros escritores antigos e medievais seguem o mesmo raciocínio de Eusébio de Cesaréia acerca do abominável da desolação. Temos a interpretação de Jerônimo (420 d.C.), quando ele cita três interpretações possíveis existentes em sua época (incluindo duas preteristas e uma futurista):

“Mas é capaz de ser entendido simplesmente quer se trate do Anticristo, ou em relação à imagem de César, que Pilatos havia colocado no templo, ou sobre a estátua de Adriano em um cavalo que ele havia erguido no local do santo dos santos”.⁷

Santo Agostinho (430 d.C.) ao interpretar Mateus 24 apelou para a passagem paralela de Lucas 21 para explicar sobre a abominação da desolação:

“Assim, Lucas deixou claro o que poderia ter sido incerto, que o que foi dito sobre a abominação da desolação se refere ao assédio de Jerusalém, não ao fim do mundo”.⁸

Uma anônima “Scholia” (comentários gramaticais, críticos ou explicativos) de Mateus, datada do nono ou décimo século, diz:

“O que é a abominação da desolação? Ela fala da imagem de Tito, que havia capturado a cidade, e após a destruição de Jerusalém erguido sua própria estátua”.⁹

O teólogo Gary DeMar cita Arnold de Villanova (1311 d.C.) que “realizou uma interpretação futurista da abominação da desolação, mas mencionou que uma interpretação preterista da mesma era atual em seus dias entre os professores em Paris, que acreditavam que:

“...o tempo em que a abominação da desolação foi erguida, foi o tempo em que Tito e Vespasiano colocaram uma imagem de César em Jerusalém”.¹⁰

A guerra dos judeus contra Roma e as profecias de Cristo

Em seu Livro II, capítulo XXVI:1-2, Eusébio brevemente fala dos inumeráveis males que envolveram os judeus e da última guerra que eles moveram contra os romanos.¹¹ Mas é no Livro III que encontramos a associação dessa guerra com as profecias de Cristo.¹² Eusébio começa assim:

“É justo acrescentar a pregação infalível de nosso Salvador pela qual mostrava estas mesmas coisas quando profetizava assim...”.¹³

Depois de falar do número total de mortos pela fome e pela espada e quantos pereceram, Eusébio diz (preste atenção nas frases grifadas em negrito):

“Estes acontecimentos ocorreram deste modo no segundo ano do império de Vespasiano, **segundo as predições de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que, por seu divino poder, havia visto de antemão estas mesmas coisas como se já estivessem presentes e havia chorado e soluçado, segundo a Escritura dos sagrados evangelistas, que inclusive acrescentam suas próprias palavras: umas, as que disse dirigindo-se à mesma Jerusalém:**

Se tu conheceras ao menos neste dia o que diz respeito a tua paz! Mas agora está oculto aos teus olhos. Porque virão dias sobre ti, e teus inimigos te rodearão de paliçadas, te cercarão e por todos os lados te apertarão. E te assolarão a ti e a teus filhos [Lucas 19:42-44].

E outras como referindo-se ao povo: Porque haverá grande necessidade sobre a terra e ira contra este povo. E cairão ao fio da espada e serão levados cativos a todas as nações. E Jerusalém será pisoteada pelos gentios, até que sejam cumpridos os tempos destes povos [Lucas 21:23-24]. E outra vez: E quando virdes Jerusalém cercada por exércitos, sabeis então que terá chegado sua desolação [Lucas 21:20]”.¹⁴

Sobre o impressionante cumprimento do Sermão Profético, Eusébio acrescenta:

“Se alguém comparar as palavras de nosso Salvador com os demais relatos do escritor [Flávio Josefo] acerca da guerra inteira, como não ficar admirado e confessar como verdadeiramente

divinas e sobrenaturalmente prodigiosas a presciência e a predição de nosso Salvador?”¹⁵

Os sinais que antecederam a guerra dos judeus contra Roma

Como seria de esperar, Eusébio, em acordo com as palavras de Cristo, também faz referências aos sinais que antecederam a guerra dos romanos contra Jerusalém. Citando Josefo, ele escreveu:

“Toma pois, e lê o que apresenta no livro VI de suas Histórias com estas palavras: “Naquele tempo os impostores e os que levantavam tais calúnias contra Deus pervertiam o povo miserável, de forma que nem percebiam nem davam crédito a tais prodígios bem claros que anunciavam de antemão a iminente desolação; antes, como se aturcidos por um raio e como se não tivessem olhos nem alma, faziam ouvidos surdos às mensagens de Deus.

Estas foram: um astro que se deteve sobre a cidade, semelhante a uma espada de dois gumes, e um cometa que durou todo um ano. Outra vez foi quando, antes da insurreição e dos distúrbios que levaram à guerra, estando o povo reunido para celebrar a festa dos ázimos, no oitavo dia do mês de Jantico, à nona hora da noite, brilhou sobre o altar e o templo uma luz tão grande que poder-se-ia pensar que era dia, e isto durou uma meia hora. Aos ignorantes poderia parecer um bom sinal, mas os escribas interpretaram-no corretamente antes que os fatos ocorressem.

E na mesma festa, uma vaca que o sumo sacerdote conduzia ao sacrifício pariu um cordeiro no meio do templo.

E a porta oriental do interior, que era de bronze e muito pesada, e que havia sido fechada ao anoitecer com dificuldade por vinte homens que a trancaram solidamente com ferrolhos presos com ferro, além de ter gonzos profundos, abriu-se sozinha à sexta hora da noite.

E passada a festa, não muito depois, no vigésimo primeiro dia de Artemisio, apareceu um fantasma demoníaco de tamanho incrível. E o que se passará a dizer poderia parecer mentira se não tivesse sido contado pelos mesmos que o viram e se os sofrimentos que se seguiram não fossem dignos destes sinais. De fato, antes do pôr-do-sol, apareceram pelo ar em redor de toda a região carros e falanges armadas que se lançavam através das nuvens e rodeavam as cidades.

E na festa chamada Pentecostes, à noite, entrando os sacerdotes no templo, como de costume, para exercer suas funções, dizem que primeiramente perceberam movimento e ruído de golpes, e logo um grito em uníssono: Saíamos daqui!”¹⁶

Essas coisas que antecederam antes da queda de Jerusalém no ano 70 d.C. foram o cumprimento das palavras de Jesus em Lucas 21:11, em que se diz que haveria “coisas espantosas e também grandes sinais do céu”.

Em resumo, a tragédia que aconteceu aos judeus do primeiro século da era cristã foi o cumprimento do Apocalipse pelo fato deles rejeitarem ao seu Messias. Eusébio reconhece não somente isto, mas o quanto Deus teve paciência para com aquele povo que cometeu crime contra o Cristo de Deus:

“Portanto, sobre o acontecido à nação inteira depois da paixão do Salvador e dos gritos com os quais a plebe judia pediu para livrar da morte o ladrão e assassino e suplicou que tirassem de seu meio o autor da vida, não haverá necessidade de acrescentar nada à narrativa.

Contudo, seria justo acrescentar o que poderia ser significativo sobre o amor da divina providência aos homens, pois retardou a destruição dos culpados durante quarenta anos completos depois de seu crime contra Cristo. Durante estes anos, numerosos apóstolos e discípulos, e o próprio Tiago, primeiro bispo dali e chamado irmão do Senhor, que ainda viviam e moravam na mesma cidade de Jerusalém, mantinham-se fiéis ao lugar como fortíssima muralha.

A providência divina até aquele momento mostrava sua grande paciência, para o caso de que se arrependessem de seu feito e alcançassem assim o perdão e a salvação; e como se tal longanimidade fosse pouco, deixava ver sinais divinos extraordinários do que lhes sucederia se não se arrependessem. Também estes sinais foram considerados notáveis pelo autor citado. Nada melhor do que oferecê-los aos que leem esta obra”.¹⁷

Sobre a calamidade que veio sobre os judeus por seus crimes contra Cristo e os apóstolos, Eusébio ainda acrescenta “que os judeus não só são tão ousados como recusam-se a ver o que está claro, de tão cega e escura que se encontram as suas mentes, que não são capazes de ver o claro e evidente cumprimento das Sagradas Escrituras”.¹⁸

-
1. Jonathan Edwards, "When the Wicked Shall Have Filled Up the Measure of Their Sin, Wrath Will Come Upon Them to the Uttermost" (1735), *The Works of President Edwards*, 10 vols. (New York: G. & C. & H. Carvill, 1830), 6:459.
 2. *História Eclesiástica*, pg. 36. Livro II, V:6. Eusébio de Cesaréia. Editora Novo Século. São Paulo 2002. Versão digital disponível na internet.
 3. Idem nº 2, pg. 37. Livro II, VI:1-8.
 4. Idem nº 2, pg. 56. Livro III, VI:16.
 5. Idem nº 2, pg. 54. Livro III, V:1-3.
 6. Idem nº 2, pg. 54. Livro III, V:4.
 7. Jerome, *Commentary on Matthew*, Book 4. On Matthew 24:15. CCSL77:226. The interpretation of the abomination of desolation as something that Pilate placed in the temple—either an image, a banner with an eagle on it, or a pig—was common in Syriac commentaries on Matthew. See for example, Margaret Dunlop Gibson, trans., *The Commentaries of Isho'dad of Merv*, vol. 1. *Horae Semiticae* 5 (Cambridge, England: University Press, 1911), 91; Bar Salibi, *Commentaries on the Gospels*. On Matthew 24:15. CSCO 15:31; Bar Hebraeus, *Commentary on the Gospels*. On Matthew 24:15. Carr, 57.
 8. Augustine, *Epistle 199 to Hesychius*, 29. FC 30: 379.

9. Scholia on Matthew. On Matthew 24:15. PG 106:1151.
10. The Early Church and the End of the World, pg. 106. Autores: Gary DeMar & Francis X. Gumerlock. Copyright © 2006 - American Vision. Site: www.AmericanVision.org
11. Idem nº 2, pg. 50. Livro II, XXVI:1-2.
12. Idem nº 2, pg. 57. Livro III, VII:1-9.
13. Idem nº 2, pg. 57. Livro III, VII:1.
14. Idem nº 2, pg. 57. Livro III, VII:3-5.
15. Idem nº 2, pg. 57. Livro III, VII:6.
16. Idem nº 2, pg. 58. Livro III, VIII:1-6.
17. Idem nº 2, pg. 58. Livro III, VII:7-9.
18. Eusebius, Proof of the Gospel, 2:139, 404.

6

Falsos cristos e falsos profetas

“E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos.
E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará”.
(Mateus 24:11-12)

“E Jesus, respondendo, disse-lhes: Acautelai-vos, que ninguém vos engane;

Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos”.

(Mateus 24:4-5)

A Igreja primitiva foi invadida por muitos falsos profetas e falsos cristos. Os falsos profetas fazem parte do engano religioso, enquanto que os falsos cristos são os pretendentes a cristos ou messias, no sentido político. O Novo Testamento cita alguns desses:

“Porque antes destes dias levantou-se Teudas, dizendo ser alguém; a este se ajuntou o número de uns quatrocentos homens; o qual foi morto, e todos os que lhe deram ouvidos foram dispersos e reduzidos a nada.

Depois deste levantou-se Judas, o galileu, nos dias do alistamento, e levou muito povo após si; mas também este pereceu, e todos os que lhe deram ouvidos foram dispersos”.

(Atos 5:36-37)

Como seria de esperar, Eusébio cita sobre Teudas:

“Já que Lucas, nos Atos, apresenta Gamaliel dizendo, na sentença sobre os apóstolos, que no tempo assinalado surgiu Teudas, que dizia ser alguém, e que ao ser eliminado todos os que nele creram se dispersaram, comparemos também o que Josefo escreve sobre isto, pois efetivamente, na obra citada há pouco, narra isto textualmente como segue:

Sendo Fado procurador da Judéia, certo impostor chamado Teudas conseguiu persuadir uma grande multidão a que tomassem seus bens e o seguissem até o rio Jordão, pois dizia que era profeta e afirmava que com seu comando separaria o rio para fazê-lo mais facilmente transponível. Enganou muitos falando assim.

Fado não lhes permitiu saborear sua loucura, mas enviou contra eles um esquadrão de cavalaria que caiu-lhes em cima de surpresa, e deu morte a muitos e capturou muitos vivos. O próprio Teudas foi pego vivo, cortaram-lhe a cabeça e a levaram a Jerusalém”.¹

Eusébio também fala de Simão, o falso profeta:

“No entanto, havendo-se propagado a fé em nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo a todos os homens, o inimigo da salvação dos homens já tramava antecipar-se na captura da cidade imperial e para lá conduziu Simão, de quem já falamos acima. De fato, seguindo as hábeis artes deste homem, ganhou para o erro muitos habitantes de Roma.

Isto é demonstrado por Justino, que se distinguiu em nossa doutrina não muito tempo depois dos apóstolos e de quem exporemos oportunamente o que seja conveniente. Em sua primeira Apologia, dirigida a Antonino, em favor de nossa fé, escreve como segue:

“E depois da ascensão do Senhor ao céu, os demônios levaram alguns homens a dizer que eram deuses, e estes não somente não foram perseguidos por vós, mas até foram considerados dignos de

honras. Um tal Simão, samaritano, originário da aldeia chamada Giton, que em tempos do César Cláudio realizou mágicos prodígios em vossa imperial cidade, Roma, por arte dos demônios que nele operavam, foi tido por deus, e como a um deus foi honrado por vós com uma estátua no rio Tibre, entre as duas pontes, com a inscrição latina seguinte: SIMONIDEO SANCTO, ou seja: A Simão, o Deus santo”.²

Confirmando o que Eusébio escreveu, curiosamente acharam em 1574 uma estátua, cuja a inscrição diz: SEMONI SANCO DEO FIDIO SACRUM, sendo uma homenagem a um antigo deus Sabino SEMO.³ Na continuação da citação acima, Eusébio dedica mais cinco versículos acerca de Simão, o falso profeta. Basta consulta no Livro II, XIII:1-8.

Outro falso profeta mencionado no Livro dos Atos dos Apóstolos e que também é mencionado por Eusébio é o pseudo profeta Egípcio. Eusébio escreveu:

“Em continuação, acrescenta depois de outros detalhes: “Com uma praga pior do que esta foram os judeus prejudicados pelo pseudo profeta Egípcio. De fato, chegou este ao país como feiticeiro e com ares de profeta. Conseguiu reunir trinta mil iludidos e os conduziu ao deserto até o monte chamado das Oliveiras, de onde lhe seria possível entrar à força em Jerusalém e subjugar a guarnição romana e o povo, utilizando despoticamente as forças que o haviam acompanhado.

Mas Félix antecipou-se a seu ataque saindo logo com os soldados romanos, e todo o povo contribuiu com a defesa, de modo que, iniciado o combate, o Egípcio empreendeu a fuga com uns poucos, enquanto a maior parte dos que estavam com ele pereceram ou foram feitos prisioneiros”.

Isto escreve Josefo no livro II de suas Histórias. Contudo, será bom relacionar o que ele diz sobre o Egípcio com o que é dito nos

Atos dos Apóstolos [At 21:38.], na passagem onde o tribuno militar de Jerusalém pergunta a Paulo nos tempos de Félix, quando o populacho judeu se voltara contra ele: Então não és tu o Egípcio que há alguns dias levantou uma sedição e levou ao deserto os quatro mil sicários? Isto sucedeu nos tempos de Félix”.⁴

Por fim, mais uma vez falando sobre Simão, Eusébio diz que “este Simão, pai e autor de tão grandes males, o poder malvado e odiento de todo bem, inimigo da salvação dos homens, destacou-o naquele tempo como grande adversário dos grandes e divinos apóstolos de nosso Salvador”.⁵ Não vou citar todos os cinco versículos restantes, mas cito aqui pequenos trechos que Eusébio fala da vitória do Salvador sobre seus inimigos falsos profetas:

“No entanto a graça divina e celestial veio em socorro de seus servidores, e somente com a aparição e presença destes extinguiu rapidamente o fogo ateadado pelo maligno, e por meio deles humilhou e abateu toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus [2ª Coríntios 10:5].

Por isso nenhuma maquinação, nem de Simão nem de nenhum outro dos que então proliferavam, prevaleceu naqueles tempos apostólicos: a luz da verdade e o próprio Verbo divino, que recentemente tinha brilhado sobre os homens, florescendo sobre a terra e convivendo com seus próprios apóstolos, triunfava sobre tudo e dominava tudo”.⁶

Muito diferente dos intérpretes bíblicos pessimistas-futuristas de nossos dias, Eusébio já naquela época reconhecia o triunfo de Cristo contra seus inimigos.

Nero, a besta

Na interpretação preterista parcial o imperador romano Nero é considerado a besta de Apocalipse 13. Embora muitos tentem

amenizar, o fato é que Nero se enquadra perfeitamente em um comportamento bestial. Eusébio cita a perseguição nos tempos de Nero – que, aliás, foi o primeiro perseguidor romano contra a Igreja de Cristo. Eusébio escreveu sobre como Nero foi mau em seu tempo:

“Firmado Nero no poder, deu-se a práticas ímpias e tomou as armas contra a própria religião do Deus do universo. Descrever de que maldades foi capaz este homem não é tarefa para a presente obra.

Já que, sendo muitos os que transmitiram em relatos precisos suas maldades, quem queira poderá aprender destes sobre a grosseira demência deste homem estranho que, levado por ela e sem a menor reflexão, produziu a morte de inúmeras pessoas e a tal ponto levou seu afã homicida que não se deteve nem mesmo ante os mais chegados e queridos, mas que até a sua mãe, seus irmãos, sua esposa e com eles muitos familiares, fez perecer com variadas formas de morte, como se fossem adversários e inimigos”.⁷

Eusébio também diz que Nero “foi o primeiro imperador que se mostrou inimigo da piedade para com Deus” e também o “proclamado primeiro inimigo de Deus entre todos os que o foram”.⁸ Sobre isto, ele cita o escritor latino Tertuliano quando diz que “Nero foi o primeiro a perseguir esta doutrina, principalmente quando, depois de submeter todo o Oriente, em Roma era cruel para com todos”.⁹

No Livro III, XVII:1, Eusébio acrescenta que Domiciano “terminou por constituir a si mesmo sucessor de Nero na animosidade e guerra contra Deus. Efetivamente ele [Domiciano] foi o segundo a promover a perseguição contra nós [os cristãos], apesar de que seu pai Vespasiano nada de mal planejou contra nós”.¹⁰ Eusébio cita Tertuliano novamente, referindo-se que as maldades de Domiciano como “não sendo mais que uma parte da crueldade de Nero”.¹¹ Em relação a doutrina cristã, Eusébio diz que “entre todos,

somente Nero e Domiciano, persuadidos por alguns homens malévolos, quiseram caluniar nossa doutrina”.¹²

Eusébio não diz explicitamente sobre Nero ser a besta do Apocalipse, mas todas as características vistas acima preenchem os requisitos de crueldades necessários para Nero ter sido a besta. Ao invés disso ele cita o que Irineu falou sobre a besta:

“Isto é o que diz o livro terceiro antes mencionado da dita obra, mas no quinto expressa-se acerca do Apocalipse de João e do número do nome do anticristo como segue: “Sendo isto assim e encontrando-se este número em todas as boas e antigas cópias, e atestando-o aqueles mesmos que viram João face a face, e visto que a razão nos ensina que o número do nome da besta aparece manifesto segundo o cálculo dos gregos por meio das letras que nele há...”.

E um pouco mais abaixo segue dizendo sobre o mesmo: “Nós pois, não nos arrisquemos a manifestarmo-nos de maneira segura sobre o nome do anticristo, porque, se houvesse sido necessário na presente ocasião proclamar abertamente seu nome, ter-se-ia feito por meio daquele que também tinha visto o Apocalipse, já que não faz muito tempo que foi visto, mas quase em nossa geração, ao final do império de Domiciano”.¹³

Embora Irineu, sabe-se lá porque motivo diz “não nos arrisquemos a manifestarmo-nos de maneira segura sobre o nome do anticristo”, o fato é que, segundo o teólogo Gary DeMar, “desde que a Revelação [Apocalipse] foi escrita para uma audiência do primeiro século, devemos esperar que os leitores do primeiro século fossem capazes de calcular o número com relativa facilidade e entender o resultado”.¹⁴ Sendo assim, podemos afirmar que “qualquer leitor judeu, claro, sabia que a Besta era o símbolo de Nero. E tanto judeus quanto cristãos tratavam Nero como tendo afinidades próximas com a serpente ou o dragão... O Apóstolo escrevendo como hebreu, evidentemente estava pensando como hebreu... De acordo, o judeu

cristão teria tentado o nome como ele pensou o nome – em letras hebraicas. E no momento que ele fizesse isto o segredo estaria revelado. Nenhum judeu pensou de Nero a não ser como ‘Neron Kesar’”¹⁴

Irineu ao citar que “encontrando-se este número [o número do nome do anticristo] em todas as boas e antigas cópias, me faz lembrar de “um fragmento da mais antiga cópia sobrevivente do Novo Testamento [que] mostra que o número da Besta de Revelação 13 é 616”.¹⁵ Ellen Aitken, professor de Cristianismo Antigo na McGill University, afirma que “a opinião majoritária parece ser que isto se refira[ao imperador romano] Nero”. O fragmento antigo suporta a visão de que a Revelação foi escrita antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C., e seja lá se o número é 666 ou 616, este número é referência a Nero e não a uma figura do anticristo do fim dos tempos. Somente o tempo dirá como esta descoberta afetará o dispensacionalismo”, diz o teólogo Gary DeMar.¹⁶

-
1. História Eclesiástica, pg. 39. Livro II, XI:1-3. Eusébio de Cesaréia. Editora Novo Século. São Paulo 2002. Versão digital disponível na internet.
 2. Idem nº 1, pg. 40. Livro II, XIII:1-3.
 3. Idem nº 1, pg. 40.
 4. Idem nº 1, pg. 46. Livro II, XXI:1-3.
 5. Idem nº 1, pg. 41. Livro II, XIV:1.
 6. Idem nº 1, pg. 41. Livro II, XIV:2-3.
 7. Idem nº 1, pg. 41. Livro II, XXV:1-2.
 8. Idem nº 1, pg. 41. Livro II, XXV:1-3, 5.

9. Idem nº 1, pg. 41. Livro II, XXV:1-4.
10. Idem nº 1, pg. 61. Livro III, XVII:1.
11. Idem nº 1, pg. 62. Livro III, XX:7.
12. Idem nº 1, pg. 94. Livro IV, XXVI:9.
13. Idem nº 1, pg. 108. Livro V, VIII:5-6.
14. A Marca da Besta— 666 ou 616? Por Gary DeMar. Site:
http://www.revistacrista.org/Anticristo_a%20Marca%20da%20Besta%20666%20ou%20616.htm
15. Idem nº 14.
16. Idem nº 14.

7

A data da escrita do livro de Apocalipse

Neste capítulo falarei brevemente sobre a data da escrita do livro de Apocalipse. A maioria dos estudiosos de hoje afirmam que o Apocalipse foi escrito depois dos anos 90 d.C., no tempo do imperador romano Domiciano. Eles se baseiam em uma citação de São Irineu. Eusébio de Cesaréia faz exatamente essa citação quando fala do apóstolo João e o Apocalipse:

“É tradição que, neste tempo, o apóstolo e evangelista João, que ainda vivia, foi condenado a habitar a ilha de Patmos por ter dado testemunho do Verbo de Deus.

Pelo menos Irineu, quando escreve acerca do número do nome aplicado ao anticristo no chamado Apocalipse de João, diz no livro V Contra as heresias, textualmente sobre João o que segue:

“Mas se fosse necessário atualmente proclamar abertamente seu nome, seria feito por meio daquele que também viu o Apocalipse, já que não faz muito tempo que foi visto, mas quase em nossa geração, ao final do império de Domiciano”.¹

A passagem acima escrita por Irineu é considerada ambígua, pois não é possível saber se João viu o Apocalipse ou ele mesmo foi visto

no tempo do império de Domiciano. Embora a maioria se baseie nessa passagem de Irineu, muitos estudiosos bíblicos manifestam desacordo considerável sobre o data da escrita do livro de Apocalipse. Muitos preteristas defendem uma data no final dos anos 60 d.C. durante o reinado de Nero.

Para saber sobre quando o livro de Apocalipse foi escrito, muitos estudiosos examinam evidências dentro do próprio livro, bem como evidências fora do texto. Fora a declaração ambígua de Irineu, há diversas opiniões dos primeiros autores cristãos sobrequando o Apocalipse foi escrito respondendo assim à pergunta sobre se havia um consenso patrístico para uma data domiciana do mesmo.

A reivindicação do consenso patrístico

Muitos usando como base as declarações dos escritos dos Pais da Igreja, como Irineu, Vitorino, Eusébio etc., concluem que a opinião deles foi unânime sobre João ter escrito o livro de Apocalipse no final do reinado do imperador Domiciano (81-96 d.C.). Tenho notado que a noção de consenso patrístico para uma data no tempo de Domiciano parece dar autoridade para a visão de data tardia da escrita do Apocalipse e fortalece os argumentos futuristas contra interpretações preteristas. Alguns, como André Feuillet, escrevendo da perspectiva de um católico romano, expressou a opinião de que “o tradicional cenário do Apocalipse no reinado de Domiciano é muito solidamente estabelecido para ser questionado”.²

Na contra mão do consenso geral, vários estudiosos lançaram sérias dúvidas sobre a ideia de que havia um consenso patrístico sobre o livro de Apocalipse ter sido escrito no tempo do imperador Domiciano. Para isto, esses estudiosos usaram os escritos de judeus e historiadores romanos para explicar as circunstâncias em que o livro de Apocalipse foi escrito. Dois estudiosos, John W. Marshall e Albert A. Bell, em “estudos separados, ambos concluíram que o testemunho

de Irineu sobre a datação de Domiciano não era confiável e que o Apocalipse foi escrito no final dos anos 60 d.C.³Nesse campo de estudos os mais influentes são os estudiosos John A. T. Robinson e Kenneth Gentry.

“Robinson, em sua Redação do Novo Testamento, argumentou de fontes patrísticas gregas e latinas (Clemente de Alexandria, Tertuliano, Orígenes, Epifânio e Jerônimo) que a identificação pelos Pais da Igreja de Domiciano como o imperador que reinava quando o Apocalipse foi escrito, era sem “nenhuma base sólida”.⁴“Datando o Livro de Apocalipse, significativamente adicionado ao antigo material de origem que Robinson usou, trazendo para a discussão o pastor de Hermas, Papias, o Cânon Muratoriano, Atos de João, os escritos do exegeta grego André de Cesaréia em Capadócia, Arethas e Teofilato, e três testemunhas siríacas, Gentry concluiu que “não havia certeza uniforme e tradição certos primeiros séculos da Igreja” sobre a data de Apocalipse, e sugeriu que havia várias hipóteses e teorias concorrentes fluindo na igreja primitiva”.⁵

Quatro opiniões patrísticas sobre a data do Apocalipse

Das fontes patrísticas gregas e siríacas que temos disponíveis é possível isolar pelo menos quatro opiniões diferentes a respeito da data da redação do livro de Apocalipse. Vamos começar com Epifânio, que foi um bispo de Salamina do século IV na ilha de Chipre (315–403). Esse bispo escreveu que João “profetizou no tempo de Cláudio... a palavra profética de acordo com o Apocalipse sendo divulgada”.⁶Se levarmos em conta que Cláudio reinou entre os anos 41–54 d.C., e também que Nero fazia parte da dinastia Julio-Claudian, poderíamos argumentar conforme alguns estudiosos que Epifânio estava realmente se referindo a Nero, pois Cláudio era um dos nomes de Nero.⁷

Alguns são da opinião que é melhor acreditar que Epifânio estava dizendo que o apóstolo João escreveu o Apocalipse durante o reinado do imperador Cláudio. Tal posição é adequada pelo fato de que Apringius de Beja (6º século) e Beatus de Liebana (8º século), também escreveram que a redação do livro de Apocalipse foi durante o reinado de Cláudio.⁸

Um diácono em Constantinopla, chamado Philip Sidetes, que foi ordenado por João Crisóstomo, escreveu uma *História da Igreja* entre os anos 434 e 439. Sidetes em sua obra preservou um fragmento de Papias, bispode Hierópolis na Ásia Menor (século 130), o qual é muito relevante para esta discussão. Ele escreveu:

“Papias diz no segundo livro que João Evangelista e seu irmão Tiago foram mortos pelos judeus”.⁹

Se o apóstolo João foi martirizado junto com seu irmão Tiago muito cedo nas mãos de perseguidores judeus (cf. Atos 12:1-2), e esse mesmo João é o autor de Apocalipse, então podemos dizer que a data muito precoce da redação do livro de Apocalipse era uma opinião presente na igreja da Ásia Menor (início do século II), e isto é exatamente décadas antes de Irineu e sua declaração ambígua sobre o Apocalipse ter sido escrito por João no tempo de Domiciano.

Várias fontes siríacas do final da Antiguidade dizem que o livro de Apocalipse foi escrito na década de 60, ou durante o reinado de Nero (54-68 d.C.) ou logo após sua morte sob Galba, Otho ou Vitélio, três imperadores cujo reinado combinado estendeu-se apenas dezoito meses (68-69). Segundo o teólogo Francis X. Gumerlock, “uma História de João, o Filho de Zebedeu diz que o imperador Nero levou João ao exílio”.¹⁰ Ele cita:

“Depois dessas coisas, quando o Evangelho estava crescendo pelas mãos dos apóstolos, Nero, o rei impuro, impuro e mau, ouviu tudo o que havia acontecido em Éfeso. E ele enviou [e] tomou tudo

o que o procurador tinha, e o encarcerou; e agarrou S. João e levou-o ao exílio; e ordenou à cidade que fosse destruída”.¹¹

Há também além disso uma antiga tradução do Novo Testamento para o siríaco chamada de versão Peshita que diz que o livro de Apocalipse foi escrito no tempo de Nero. Essa tradução foi feita para o siríaco por Policarpo no ano de 508 e revisada por Thomas de Harkel no ano 616.¹² Nessa versão do Apocalipse está escrito:

“Mais uma vez a revelação que estava sobre o santo João o Evangelista de Deus quando ele estava na ilha de Patmos onde ele foi lançado pelo imperador Nero”.¹³

Outras traduções da Peshita para o inglês também confirmam essa data Nerônica para a redação de Apocalipse.

O teólogo Francis X. Gumerlock resume toda a questão com as seguintes palavras:

“A datação nerônica é posteriormente confirmada por uma tradição preservada em um exegeta bizantino posterior, Teofilato de Ocrida (falecido em 1109). No prefácio de seu comentário sobre o Evangelho de João, Teofilato escreveu que João “começou a explicar essas coisas, e a trazer clareza, e a apresentar em seu próprio Evangelho, que ele também escreveu, tendo sido banido da ilha de Patmos depois de trinta e dois anos após a ascensão de Cristo ao céu”. Se Jesus morreu, ressuscitou e ascendeu em algum momento entre 28 e 34,d.C, trinta e dois anos depois nos trazem aos anos 60-66, durante o reinado de Nero”.¹⁴

Gumerlock fala também da data atrasada:

“A data “tardia” refere-se à opinião de Irineu, Vitorino e Eusébio, que sustentava que o Apocalipse foi escrito durante o reinado de Domiciano. No contexto da discussão do nome da besta de Apocalipse 13:18, Irineu escreveu:

“Não iremos, no entanto, correr o risco de pronunciar positivamente quanto ao nome do Anticristo; porque se fosse necessário que seu nome seja claramente revelado neste momento, teria sido anunciado por aquele que contemplou a visão apocalíptica. Pois isso não foi visto muito tempo desde, mas quase em nossos dias, no final do reinado de Domiciano”.

Embora pareça que Irineu escreveu que a visão apocalíptica, ou seja, a Revelação, foi vista “perto do final do reinado de Domiciano”, um número de estudiosos contestam a tradução das palavras “foi visto” e acham que o grego deveria ser traduzido como “ele foi visto”. Em outras palavras, eles acreditam que Irineu estava dizendo que João foi visto, isto é, ainda vivo - durante o reinado de Domiciano.

Vitorino comentou em Apocalipse 17:10:

“O tempo deve ser entendido em que o escrito Apocalipse foi publicado, desde então reinou César Domiciano”.

Eusébio, que usou Irineu e Hegessipo (fl. 150-180) como fontes, declarou:

“Nesta perseguição [por Domiciano], é transmitida pela tradição, que o apóstolo e evangelista João, que ainda estava vivo, em consequência de seu testemunho à palavra divina, foi condenado a habitar na ilha de Patmos. Irineu, de fato, em seu quinto livro contra as heresias, onde fala do cálculo formado com base no epíteto do Anticristo, na mencionada revelação de João, fala da seguinte maneira a respeito dele.

Se, no entanto, fosse necessário proclamar seu nome, (ou seja, o Anticristo) abertamente no tempo presente, teria sido declarado por aquele que viu a revelação, pois não faz muito tempo que foi visto, mas quase em nossa própria geração, no final do reinado de Domiciano”.¹⁵

É fato que entre os defensores de uma data Domiciana havia muita diversidade de opiniões. Talvez Eusébio - levando-se em consideração a ambiguidade da frase de Irineu - acreditava que o livro de Apocalipse foi escrito no final do reinado de Domiciano, mas Ecumênio, que comentou o livro de Apocalipse no século VI, colocou o Apocalipse nos primeiros anos do reinado de Domiciano. Isto se vê quando Ecumênio comenta Apocalipse 3:10 sobre a “hora da prova” de que o Senhor guardaria a Igreja. Ele explica:

“Portanto, visto que com paciência guardaste a minha fé, também te guardarei da hora da dolorosa provação (Apocalipse 3:10); e ele fala da perseguição contra os cristãos que ocorreu sob o rei Domiciano, que se tornou o segundo perseguidor depois de Nero, como Eusébio conta na História Eclesiástica (Livro 3:17-18) e nas Crônicas. Por ele também o santo evangelista foi condenado a habitar na pequena e deserta ilha de Patmos”.¹⁶

John C. Lamoreux comentou que “Ecumênio implica que o Apocalipse data do início de seu reinado [de Domiciano], pelas profecias do anjo para a igreja na Filadélfia que Deus os manterá longe da perseguição de Domiciano. Isso sugere que Ecumênio acreditava que essas perseguições ainda não tinha começado quando João recebeu o Apocalipse”.¹⁷

Doroteu de Antioquia (305 d.C.) escreveu que o apóstolo João foi exilado muito tarde, nos tempos do imperador romano Trajano (98-117 d.C.). Doroteu escreveu:

“João, seu irmão, chamado o evangelista do Senhor, e a quem o Senhor chamou de amado, pregou o evangelho de Cristo na Ásia, e por causa da palavra do Senhor foi enviado ao exílio na ilha de Patmos sob Trajano”.¹⁸

A questão do consenso patrístico

O teólogo Francis Gumerlock resume a questão do consenso patrístico da data da escrita do livro de Apocalipse com as seguintes palavras:

“Várias décadas atrás, Adela Yarbro Collins publicou amplamente sobre a data de Apocalipse. Trabalhando fora dos debates futuristas-preteristas, ela própria defendeu um encontro após 70 d.C. Curiosamente, no entanto, em suas discussões sobre as evidências externas, Collins estava bem ciente de textos patrísticos que datavam o Apocalipse, não no reinado de Domiciano, mas à época de Cláudio, Nero e Trajano. Para ela, esses textos mostraram “que havia tradições sobre a data de Apocalipse que aparentemente eram independentes de Irineu”. Este capítulo ilustrou e confirmou este fato.

Para muitos estudiosos contemporâneos, a data de Apocalipse é importante por causa de seu impacto sobre a interpretação de suas profecias. Isso é particularmente perceptível no debate entre futuristas e preteristas. Muitos escritores de persuasão futurista e outros não associados com o debate, afirmam que houve simplesmente uma homogênea opinião dos pais da igreja sobre a data de Apocalipse, que foi escrito no final do reinado do imperador Domiciano por volta de 95 d.C. Estudos nas últimas décadas por John A. T. Robinson e Kenneth L. Gentry, Jr. mostraram que não era esse o caso. Enquanto a datação Domicianade Apocalipse teve muito apoio nos Pais, havia vários pontos de vista concorrentes na igreja primitiva.

A partir de testemunhos dos próprios autores patrísticos, tem sido mostrado que havia pelo menos quatro opiniões diferentes sobre a data de Apocalipse em circulação na igreja primitiva. Alguns seguraram que foi escrito durante o reinado do imperador Cláudio (41–54 d.C.). Outros pensaram que o apóstolo o escreveu durante o

reinado de Nero (54-68 d.C.) ou pouco depois. Muitos, seguindo a opinião de Irineu, defenderam uma data sob Domiciano (81-96 d.C.), e ainda outros acreditavam que João escreveu o Apocalipse durante o reinado de Trajano (98-117 d.C.). Houve consenso nos pais, todos eles favorecendo unanimemente para uma data de Apocalipse sob Domiciano? A evidência histórica diz “Não”.¹⁹

-
1. História Eclesiástica, pg. 61. Livro III, XVIII:1-3. Eusébio de Cesaréia. Editora Novo Século. São Paulo 2002. Versão digital disponível na internet.
 2. The Early Church and the End of the World, pg. 128. Gary DeMar & Francis X. Gumerlock. Copyright © 2006 - American Vision - P.O. Box 220 | Powder Springs, GA | 30127 | www.AmericanVision.org | 1.800.628.9460 | Versão e-book..
 3. Idem nº 2, pg. 128.
 4. Idem nº 2, pg. 129.
 5. Idem nº 2, pg. 129.
 6. Epiphanius of Salamis, Panarion (often cited as Haereses), 51.12. PG 41:909. Cited in Gentry, Before Jerusalem Fell, 104; and Arthur W. Wainwright, MysteriousApocalypse: Interpreting the Book of Revelation (Eugene, OR: Wipf and Stock,2001), 234, no. 36; Greg Bahnsen, “The Historical Setting of the Writing of Revelation” (Covenant Media Foundation, 1984, <http://www.cmfnow.com>), 1–53at 2; Robert Fleming, Jr., “A Postscript,” (reprint of a treatise dated 1701, at <http://www.preterist.archive.com>), 1–9 at 4.Apud Gary DeMar&Francis X. Gumerlock, The EarlyChurchandthe End of the World, pg. 129.
 7. Gentry in Before Jerusalem Fell (104) cites Hort, Moffat, Guthrie, Robinson, andMounce as holding this view.Apud Gary DeMar&Francis X. Gumerlock, The EarlyChurchandthe End of the World, pg. 130.
 8. Apringius of Beja, “Tractatus in Apocalypsin,” On Revelation 1:9. CCSL 107:39;Beatus of Liebana, Commentarius in Apocalypsin. On Revelation 1:9. E.Romero-Pose, ed., Sancti Beati a Liebana Commentarius in Apocalypsin, Vol.1 (Rome: Typis Officinae Polygraphicae, 1985), 91–92. Apringius has relatores,probably meaning historians, while Beatus has revelatores, probably meaningearlier commentators on Revelation.Apud Gary DeMar&Francis X. Gumerlock, The EarlyChurchandthe End of the World, pg. 130.

9. Philip Sidetes, Church History, Fragment. Translated in Johannes Quasten, *Patrology*, Vol. 3 (Westminster, MD: Christian Classics, 1986), 530. Apud Gary DeMar & Francis X. Gumerlock, *The Early Church and the End of the World*, pg. 130.
10. Idem n° 2, pg. 131.
11. William Wright, *Apocryphal Acts of the Apostles*, 2 vols (1871, reprint, Amsterdam: Philo, 1968), 2:55. Reference is also made to it in Gentry, *The Beast of Revelation*, revised, 197; and Martine Dulaey, *Victorin de Poetovio premier exegete latin*, Vol. 1 (Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1993), 74. Apud Gary DeMar & Francis X. Gumerlock, *The Early Church and the End of the World*, pg. 131.
12. On the dates of Polycarpus' and Thomas of Harkel's translations, Arthur Vööbus, *the Apocalypse in the Harklean Version*. *Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium* 400 (Louvain: Secrétariat du CorpusSCO, 1978), 59; John Gwynn, *The Apocalypse of St. John in a Syriac Version Hitherto Unknown* (London: Longmans, Green, and Co., 1897), iv and xcvi. Apud Gary DeMar & Francis X. Gumerlock, *The Early Church and the End of the World*, pg. 131.
13. Vööbus, *The Apocalypse in the Harklean Version*, 42. Cf. Gary DeMar, "A Lesson in Straight Thinking," *Biblical Worldview* 18:3 (March 2002), 7–9 at 8; Gentry, *Before Jerusalem Fell*, 106; Gentry, *The Beast of Revelation*, 146; Seraphim Rose, *The Apocalypse in the Teachings of Ancient Christianity*, 2nd ed. (Platina, CA: St. Herman of Alaska Brotherhood, 1995), 46. Apud Gary DeMar & Francis X. Gumerlock, *The Early Church and the End of the World*, pg. 131.
14. Idem n° 2, pg. 131.
15. Idem n° 2, pg. 132.
16. Ecumenius, *Commentary on the Apocalypse*. On Revelation 3:10. Marc DeGroote, ed., *Oecumenii Commentarius in Apocalypsin* (Louvain: Peeters, 1999), 98. Translation from Greek courtesy of Dr. Lloyd Pierson of Calisper, Montana. Apud Gary DeMar & Francis X. Gumerlock, *The Early Church and the End of the World*, pg. 133.
17. John C. Lamoreaux, "The Provenance of Ecumenius' Commentary on the Apocalypse," *Vigiliae Christianae* 52 (1998), 88–108 at 103, no. 72. Apud Gary DeMar & Francis X. Gumerlock, *The Early Church and the End of the World*, pg. 133.
18. Dorotheus, *Life of John the Evangelist*, fragment. Fragment preserved in Theophylact of Ochrida, *On the Gospel of John*. PG 123:1129–30. On Dorotheus of Antioch, see Michael Walsh, ed., *Dictionary of Christian Biography* (Collegeville, MN: Liturgical Press, 2001), 396. Bahnsen ("Historical Setting of the Writing of Revelation," 2) confused Dorotheus of Antioch with Dorotheus of Gaza (d. 550). However, Theophylact's heading, which reads "From the synopsis of Dorotheus, martyr and bishop of Tyre," is clearly a reference to the former. Eusebius informs us that Dorotheus of Antioch was put in charge of the purple dye industry at Tyre. Theophylact (d. 1109), a Byzantine

exegete from the área known today as Bulgaria, repeated the sentiment that John was exiled by Trajan, writing, “For, Herod killed James, but Trajan condemned John who was giving testimony to the word of truth.” Theophylact, *On the Gospel of Matthew*. On Matthew 20:23. PG 123:363–364. Apud Gary DeMar & Francis X. Gumerlock, *The Early Church and the End of the World*, pg. 134.

19. Idem n° 2, pg. 134.

8

Otimismo histórico de Eusébio de Cesaréia

Algo muito visível na *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesaréia é que apesar dele citar tantas perseguições e crueldades que eram feitas contra os cristãos, em nenhum momento vemos em seus escritos ideias de escapismo arrebatamentista como se prega em nosso tempo. Raríssimas citações são feitas acerca da Segunda Vinda de Cristo. Ao falar da morte de João e de Felipe, Eusébio cita:

“Sobre João, quanto ao tempo, também já foi dito; mas quanto ao lugar de seu corpo, indica-se na carta de Polícrates, bispo da igreja de Éfeso, que foi escrita para o bispo de Roma, Victor. Junto com João menciona o apóstolo Felipe e as filhas deste nos seguintes termos:

“Porque também na Ásia repousam grandes luminares que **ressuscitarão no último dia da vinda do Senhor, quando virá dos céus com glória em busca de todos os santos...**”¹

(o grifo é meu)

Em outro texto, ao escrever sobre os parentes do Senhor Jesus, Eusébio fala que Domiciano, “assim como Herodes, temia a vinda de Cristo”.² Por fim, Eusébio ao falar de Menandro cita sobre “feiticeiros revestidos do nome de cristãos” que esforçavam-se “em

caluniar o grande mistério de piedade” para “destruir por meio deles os dogmas da Igreja sobre a imortalidade da alma e a ressurreição dos mortos”.³ A ressurreição dos mortos está associada a Segunda Vinda de Cristo.

Apesar das raríssimas menções feitas sobre a Segunda Vinda de Cristo, temos em Eusébio de Cesaréia uma dedicação muito grande em mostrar que o Sermão Profético de Mateus 24 foi cumprido na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Eusébio sempre deixa claro que essas calamidades vieram contra os judeus por causa de seus crimes contra Cristo. Diferente do que acontece hoje na cristandade, Eusébio em sua obra descreve a história de lutas da Igreja perseguida ao mesmo tempo em que exalta as conquistas e vitórias do Reino de Cristo neste mundo. Sobre essas conquistas do Reino, Eusébio comenta acerca de um fato mais extraordinário escrito por Josefo.

Ele escreveu:

“Diz que nas escrituras sagradas encontrou-se um oráculo com este conteúdo: que naquele tempo alguém saído de seu país regeria o mundo. O próprio Josefo concluiu que o oráculo tinha sido cumprido em Vespasiano.

Mas este não governou a todo o mundo, mas somente à parte submetida aos romanos. Seria pois mais justo referi-lo a Cristo, a quem o Pai havia dito: Pede-me e te darei nações como herança e os confins da terra como tua possessão. Pois bem, por este mesmo tempo chegara a toda a terra a voz dos santos apóstolos e aos confins do mundo suas palavras”.⁴

Diferente do que muitos futuristas pensam em nosso tempo, Eusébio citando o Salmo 2:8 e Romanos 10:18 confirma assim a majestade de Cristo que, em seus dias, reinava e ainda reina. Ao reconhecer a Cristo como de fato um Rei que reina sobre esta Terra, Eusébio também reconhece em seu otimismo histórico a melhora do

mundo em seus dias. No livro X ele descreve sobre a paz que Deus outorgou em seu tempo e sobre a “restauração das igrejas”:

“E, em verdade, respondendo ao oráculo que o ordenou, cantemos agora o cântico novo por meio deste livro, porque, efetivamente, depois daqueles espetáculos e relatos sombrios e espantosos, fomos agora considerados dignos de contemplar tais maravilhas e de celebrar grandes solenidades, como muitos de nossos antepassados, realmente justos e mártires de Deus, desejaram ver sobre a terra, e não viram; ouvir, e não ouviram”.⁵

Citando Mateus 13:17, que fala sobre aqueles “profetas e justos” que “desejaram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvis e não ouviram”, Eusébio nos dá uma grande lição contra o pessimismo. Em nossos dias na modernidade as pessoas estão entregues ao desânimo, não mais acreditando em dias melhores. E os profetas desde a antiguidade já diziam que Cristo progressivamente traria paz ao mundo. O Salmo 22:27-31 é categórico:

“Lembrar-se-ão do Senhor e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações.

Pois do Senhor é o reino, é ele quem governa as nações.

Todos os opulentos da terra hão de comer e adorar, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele, até aquele que não pode preservar a própria vida.

A posteridade o servirá; falar-se-á do Senhor à geração vindoura. Hão de vir anunciar a justiça dele; ao povo que há de nascer, contarão que foi ele quem o fez”.

Por causa do pessimismo provocado pela escatologia pessimista em nossas igrejas, as pessoas perderam de vista as palavras desse Salmo, que são claras em mostrar que essa melhora do mundo se dá antes do Dia Perfeito da Segunda Vinda de Cristo. Por isto, os crentes da modernidade não podem nem sequer desejar ver e ouvir sobre a terra sobre as maravilhas que Deus ainda vai realizar - à semelhança

daqueles que viveram no Antigo Testamento e dos mártires da igreja primitiva.

E sobre uma esperança que os crentes modernos também perderam, Eusébio fala que os mártires da Igreja “apressando-se com toda rapidez, alcançaram bens muito melhores, arrebatados até os próprios céus e ao paraíso das divinas delícias”.⁶ Muitos em nosso tempo perderam até mesmo essa esperança no pós-morte. Depois de referir-se aos mortos em Cristo no passado, Eusébio volta-se para os que estavam vivos em seu tempo e diz que:

“Nós, por outro lado, ainda que confessando que os bens presentes são maiores do que merecemos, estamos demasiado estupefatos pela graça e magnificência de seu autor, e o admiramos com toda a força da alma, como é justo, venerando e atestando a verdade das predições da Escritura, na qual é dito: Vinde e vede as obras do Senhor, os prodígios que fez sobre a terra eliminando guerras até os confins da terra. Quebrará o arco e romperá a arma, e queimará o escudo no fogo. Regozijando-nos nestas maravilhas, claramente realizadas para nosso bem, continuemos nosso relato”.⁷

E continua:

“Havia desaparecido, da maneira que dissemos, toda a raça dos odiadores de Deus e repentinamente havia-se apagado da vista dos homens, tanto que uma vez mais tinha cumprimento a palavra divina que diz: Vi um ímpio prepotente a expandir-se como o cedro do Líbano. Passei, e eis que desaparecera; procurei-o, e já não foi encontrado [Salmos 37:35-36].

Mas daí em diante, um dia esplendoroso e radiante, sem que nuvem alguma lhe fizesse sombra, ia iluminando com seus raios de luz celestial as igrejas de Cristo por todo o universo, e nem sequer aos de fora de nossa confraria nenhuma inveja impedia de participar, se não dos mesmos bens, pelo menos da irradiação e comunicação dos que nos foram outorgados por parte de Deus”.⁸

O texto acima me faz pensar que por causa da escatologia pessimista que nos dominou por muito tempo, perdemos a noção da vitória do Reino de Cristo neste mundo. Não fazemos mais a contabilidade dos inimigos de Cristo que foram postos debaixo de Seus pés. O Novo Testamento é claro quando diz que a vitória de Cristo sobre os seus inimigos acontece de maneira progressiva:

“Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés.

O último inimigo a ser destruído é a morte”.

(1ª Coríntios 15:25-26)

O texto de Hebreus 10:12-13 demonstra a paciência do Salvador em aguardar a vitória sobre todos os seus inimigos:

“Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus, aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés”.

Embora não o fale diretamente, é evidente a partir dos escritos de Eusébio de Cesaréia essa vitória progressiva de Cristo na história humana, a qual ele já experimentava em seus dias. Por causa de nosso pessimismo escatológico não olhamos para figuras como Hitler, Mao Tse-tung, Benito Mussolini, Fidel Castro, Kim Jong-il e Josef Stalin como inimigos já derrotados por Cristo, pelo contrário, muitas vezes os mantemos vivos em nossas memórias como arquétipo de um suposto futuro Anticristo que estaria por vir. Mas Eusébio mostra que através da “memória dos antigos relatos, e não somente para os fiéis, mas também para os infiéis”,⁹ a cidade recém-fundada e edificada por Deus, que é a Igreja do Deus vivo, coluna e sólido baluarte da verdade, tem vencido todos os seus inimigos, pois Deus, o executor de grandes obras, dono do universo, construtor de todo o mundo, todo-poderoso, bondade suprema, o um e único Deus, “feriu

grandes reis e matou reis poderosos, porque sua misericórdia é eterna, porque em nossa humilhação lembrou-se de nós e nos livrou de nossos inimigos”.¹⁰

Como resultado da vitória do Reino de Cristo sobre as perseguições, Eusébio diz que “os supremos imperadores, com suas contínuas legislações em favor dos cristãos, vinham a confirmar, ampliando-as e aumentando-as, as mercês da munificência de Deus”.¹¹ Como resultado dessas “legislações em favor dos cristãos” se diz que “oferecia-se o espetáculo tão desejado e esperado por todos nós: festas de dedicação em cada cidade, consagrações dos oratórios recém-construídos, concentrações de bispos para o mesmo, afluência de gente de terras longínquas. Disposições amistosas dos povos entre si e reunião dos membros do Corpo de Cristo em convergência para uma única harmonia”.¹² Ainda sobre os imperadores romanos, no caso, Constantino e Licínio, Eusébio acrescenta que “de tal maneira que - coisa que nunca havia acontecido - os mais altos imperadores, conscientes da honra que d'Ele obtiveram, cuspiram no rosto dos ídolos mortos, pisotearam as criminosas cerimônias dos demônios e zombavam do antigo engano transmitido pelos seus antecessores; e ainda, reconheciam que há um só Deus, único e ele mesmo, benfeitor comum de todos e deles próprios, e confessavam a Cristo como Filho de Deus, rei supremo de tudo; em esteias proclamavam-no salvador e, para memória imorredoura, fizeram também gravar com caracteres imperiais no meio da cidade que impera sobre as outras da terra suas felizes empresas e suas vitórias contra os ímpios, de maneira que Jesus Cristo, nossos salvador, é o único dos que existiram desde os séculos a quem os próprios hierarcas da terra reconheceram, não mais como um rei comum saído dentre os homens, mas como verdadeiro Filho do Deus do universo, como a Deus o adoram”.¹³

Em referência aos imperadores Constantino e Licínio, Eusébio ainda fala acerca do papel deles na purificação do mundo romano, quando escreveu que “tendo eleito em primeiro lugar as almas dos

supremos imperadores, valendo-se deles, amantíssimos de Deus, limpou inteiramente a terra habitada de todos os indivíduos ímpios e funestos e até dos terríveis tiranos, odientos de Deus. Logo trouxe à luz do dia os homens bem conhecidos por Ele, que em outro tempo haviam-se consagrado com sua vida a Ele e andavam ocultando-se ao abrigo de sua proteção, como numa tempestade de males, e honrou-os mui dignamente com a magnificência do Pai”.¹⁴Em seu livro V, Eusébio cita cópias das leis imperiais referentes aos cristãos. O que destaco a seguir é a liberdade de religião:

“Ao considerar, já há tempo, que não se há de negar a liberdade da religião, mas que se deve outorgar à mente e à vontade de cada um a faculdade de ocupar-se dos assuntos divinos segundo a preferência de cada um, tínhamos ordenado aos cristãos que guardassem a fé de sua escolha e de sua religião”.¹⁵

No livro IX Eusébio fala da vitória de Constantino e do favor divino em relação a ele:

“A este, por conseguinte, foi que Deus outorgou desde cima, como fruto digno de sua piedade, o troféu da vitória contra os ímpios. Em troca, precipitou o criminoso com todos seus conselheiros e amigos aos pés de Constantino.

Efetivamente, tendo aquele feito avançar seus atos até extremos de loucura, o imperador amigo de Deus concluiu que já era insuportável. Fazendo seu cálculo prudente e somando a sua humanidade a firmeza do juiz, decide acudir em socorro dos que sofriam sob o tirano. Desembaraçou-se de alguns breves contratempos e pôs-se em movimento para recobrar a maior parte do gênero humano”.¹⁶

O resultado dos benefícios que Constantino trouxe aos seus súditos é que “havia perdão dos males antigos e esquecimento de toda impiedade; gozava-se dos bens presentes e esperavam-se os vindouros. Por conseguinte, estendiam-se por todo lugar disposições

do vitorioso imperador cheias de humanidade e leis que levavam a marca da munificência e verdadeira piedade”.¹⁷ Por fim, Eusébio diz que foi “expurgada assim, realmente, toda tirania, o império que lhes correspondia reservava-se seguro e indiscutível somente para Constantino e seus filhos, os quais, depois de eliminar do mundo antes de tudo o ódio a Deus, conscientes dos bens que Deus lhes havia outorgado, tornaram manifesto seu amor à virtude, seu amor a Deus, sua piedade para com Deus e sua gratidão, mediante obras que realizavam publicamente à vista de todos os homens”.¹⁸

Os religiosos modernos contra o imperador romano Constantino

Não é de se admirar que Eusébio tenha ficado tão grato e louvado a Deus pelo que estava acontecendo em seus dias, pois a Igreja já estava desgastada por tantas perseguições e, finalmente, no tempo de Constantino a situação muda para melhor. Sei muitos religiosos ranhetas de nosso tempo vão falar contra tudo isso, afirmando que Constantino uniu a Igreja com o Estado trazendo assim a Grande Apostasia. Eu também já fui um religioso ranheta como esses. Aliás, bem no começo de minha carreira de fé fui influenciado por grupos como Testemunhas de Jeová e adventistas do sétimo dia sobre a questão constantiniana. Mas uma análise minuciosa mais de perto da questão tende a revelar que as coisas não foram malignas como diz os oponentes de Constantino. Certa vez escrevi uma frase que reflete isto:

“Alguns ensinam que o século 4º foi quando ocorreu a Grande Apostasia, através do imperador romano Constantino, o qual teria dado origem a igreja Católica romana. Na verdade, o Cristianismo como religião oficial do império romano trouxe a preservação da Bíblia, da doutrina e infinitos benefícios que usufruímos até hoje.

Verdadeiramente, foram os séculos 18 e 19 que trouxeram as mais Cruéis Apostasias jamais vistas no mundo, pois foram nesses

tempos que houve o surgimento do Marxismo, Darwinismo, Mormonismo, Adventismo, Testemunhas de Jeová, Ciência Cristã, Dispensacionalismo e até mesmo quem negasse a existência de Jesus Cristo. Por isto, os progressos alcançados pelo Reino de Deus e o seu avanço sofreram um considerável anestesiamiento até os dias de hoje”.

O teólogo Peter Leithart em seu livro *Em Defesa de Constantino - O crepúsculo de um Império e a aurora da cristandade*, escreveu que “Constantino tem sido um saco de pancadas há muito tempo e o é ainda hoje”.¹⁹ E acrescenta:

“Na cultura popular (Dan Brown, *O Código da Vinci*), entre historiadores famosos (James Carroll, *A espada de Constantino*) e entre teólogos (Stanley Hauerwas, John Howard Yoder e seus seguidores), seu nome é associado a tirania, antissemitismo, hipocrisia, apostasia e heresia. Ele teria sido um político endurecido pelo poder que nunca se tornou cristão realmente, um hipócrita que teria se aproveitado da energia da igreja para seus próprios fins políticos, um assassino, um usurpador, um egoísta”.²⁰

Diferente do que muitos escreveram, o imperador romano Constantino não foi esse vilão que pitaram através dos séculos. Eusébio de Cesareia, em seu livro *VIDA DE CONSTANTINO*, escreveu:

“Às horas medianas do sol, quando o dia começa a declinar, ele disse que viu com seus próprios olhos, em pleno céu, sobreposto ao sol, um troféu de luz em forma de cruz unido a uma inscrição que dizia: com este vence”.²¹

Para Eusébio de Cesaréia Constantino em sua vitória contra Maxêncio “havia entrado em Roma como um conquistador cristão”.²² O Teólogo Craig Carter é tão hostil contra o imperador Constantino que chega a dar um relato distorcido da carreira dele. “Carter argumenta que o apoio que Constantino deu à igreja nada

tinha a ver com suas reais convicções, pois tinha sido uma decisão racional de política. De modo mais condenatório ainda, Carter alega que Constantino nunca realmente promovera a fé cristã em si; antes, aderiu a uma espécie de monoteísmo sintético que poderia unir pagãos e cristãos sob um mesmo império. Ele “nunca teve muito o que dizer sobre Jesus”, Carter alega”.²³

A respeito dessas declarações de Craig Carter, Peter J. Leithart escreveu:

“Eu discordo. Os escritos do próprio Constantino revelam, em meu julgamento, um governante seriamente cristão. Constantino não exibe a acuidade polêmica de um Atanásio, nem a sutileza de um Gregório de Nissa, mas isso não é surpreendente, dado o seu passado e sua vocação. Segundo Eusébio, ele havia sido educado nas artes clássicas liberais, uma alegação consistente com sua presença na corte de Diocleciano, uma corte onde filósofos eram bem-vindos. Após o ano 312, Eusébio nos informa, Constantino tornou-se um estudante das Escrituras, ouvindo os doutores e passando longas horas em estudos e leituras.

Uma simples convicção era central às crenças de Constantino: o Deus cristão era o juiz celestial que, na história, opunha-se àqueles que se lhe opunham. Ele acreditava que Deus destruía aqueles que destruíam seu templo. Convencido pelos argumentos de Lactâncio a respeito da vingança de Deus contra imperadores que perseguiram sua igreja, ele temeu despertar essa ira”.²⁴

Sobre as ideias de Constantino a respeito de Cristo e sobre as poucas referências explícitas ao Senhor, Leithart esclarece:

“Em certo sentido, não é muito surpreendente que encontremos comparativamente poucas referências explícitas a Jesus nos escritos de Constantino. Até onde sabemos, ele não possuía um diário espiritual, tampouco escreveu hinos ou poesia mística. A maior parte dos escritos que temos da mão de Constantino consiste em

correspondência oficial a bispos ou a governantes civis subordinados, um gênero de escrita que não é famoso por floreios piedosos. Dada a natureza da maior parte dos escritos de Constantino ainda existentes, o aspecto que chama a atenção é como ele frequentemente aborda temas teológicos, especificamente cristãos. Ouso dizer que se encontrariam mais referências a Cristo nos pronunciamentos oficiais de Constantino do que se encontrariam em *O Federalista*.

No ano de 314, na carta convocando os bispos para Arles, ele repetidamente se referiu a “Cristo, nosso Salvador” e alertou que a “misericórdia de Cristo” havia abandonado os endurecidos donatistas”.²⁵

A respeito do que Constantino pensava a respeito de Deus, Leithart esclarece:

“O Deus de Constantino não apenas é o Salvador, mas também é Ele o Deus que salvou pela cruz e paixão de seu Filho encarnado.

[...]

Constantino acreditava que um dos atos centrais de Deus em Cristo era restaurar o “são entendimento” aos seres humanos, consequentemente enfatizando o ensinamento de Jesus e a necessidade da Escritura”.²⁶

Constantino em seu sermão disse que “o Filho unigênito de Deus veio para libertar os seres humanos dos males do passado e para restaurar o são entendimento da raça”.²⁷ Leithart acrescenta que “mais adiante, Constantino abordou a encarnação, vida, ministério e morte de Jesus e explicou algumas profecias do Antigo Testamento concernentes à sua vinda. Mencionou a escolha dos apóstolos, seus milagres e seu ensinamento. No clímax de sua vida, Jesus foi à cruz não por seus crimes, como diziam os pagãos, mas para obter vitória sobre o pecado; vitória esta que inspira confiança entre as

dificuldades da vida. Sem dúvida alguma, foi pensando nos mártires que Constantino também disse que o apoio da fé não vacila mesmo em meio às “aflições de males”.²⁸

Para finalizar este capítulo, Leithart esclarece o testemunho antigo sobre Constantino dizendo que mesmo que “desprezemos por inteiro a Eusébio, ainda temos a evidência de suas cartas e de sua “Oração”, na qual ele expressa uma fé marcial no poderoso Deus dos cristãos, na cruz de Jesus como vitória sobre o mal e na igreja como a unificadora da raça humana”.²⁹ Se o leitor quiser fazer uma pesquisa séria e muito bem documentada sobre a vida piedosa e as verdades em torno de Constantino, sugiro a leitura do livro já citado acima *Em Defesa de Constantino - O crepúsculo de um Império e a aurora da cristandade*, de Peter J. Leithart (Editora Monergismo).

A chegada de Constantino ao poder cumpre em partes Apocalipse 21:24, 26, que diz que “as nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória. E lhe trarão a glória e a honra das nações”. “Embora Roma tenha sido julgada e o Império caiu, os romanos não só destruíram a Antiga Aliança, como posteriormente também foram representativos das nações, sendo os primeiros dos reis da terra a usufruírem da Nova Jerusalém. Apesar de todos os defeitos e controvérsias, a história mostra que o mundo foi “cristianizado” pelo imperador romano Constantino em 313 e seu Edito de Milão. É por causa da incredulidade e ensinamentos falsos, que muitos cristãos hoje não veem e não experimentam as maravilhas da Nova Jerusalém”.³⁰

Independentemente da visão que o leitor possa ter a respeito do imperador romano Constantino, seja ela boa ou ruim, isto em nada afeta a interpretação preterista da profecia bíblica. Neste tópico apenas mostro como Eusébio de Cesaréia era um otimista histórico que sabia muito bem interpretar a atuação do Reino de Deus neste mundo. Ele pôde ver nos benefícios dado aos cristãos a atuação de Deus na história. Isto serve de lição para todos nós!

-
1. História Eclesiástica, pg. 69. Livro III, XXXI:2-3. Eusébio de Cesaréia. Editora Novo Século. São Paulo 2002. Versão digital disponível na internet.
 2. Idem nº 1, pg. 62. Livro III, XX:1.
 3. Idem nº 1, pg. 67. Livro III, XXVI:4.
 4. Idem nº 1, pg. 59. Livro III, VIII:10-11.
 5. Idem nº 1, pg. 205. Livro X, I:4.
 6. Idem nº 1, pg. 205. Livro X, I:5.
 7. Idem nº 1, pg. 205. Livro X, I:5b-6.
 8. Idem nº 1, pg. 205. Livro X, I:7-8.

9. Idem nº 1, pg. 207. Livro X, IV:9.
10. Idem nº 1, pg. 207. Livro X, IV:9.
11. Idem nº 1, pg. 205. Livro X, II:2.
12. Idem nº 1, pg. 206. Livro X, III:1.
13. Idem nº 1, pg. 208. Livro X, IV:16.
14. Idem nº 1, pg. 214. Livro X, IV:60.
15. Idem nº 1, pg. 216. Livro X, V:2.
16. Idem nº 1, pg. 222. Livro X, IX:1-2.
17. Idem nº 1, pg. 222. Livro X, IX:8.
18. Idem nº 1, pg. 223. Livro X, IX:9.
19. Em Defesa de Constantino - O crepúsculo de um Império e a aurora da cristandade, pg. 6. Peter J. Leithart. Versão digital disponível na internet. 1ª edição, 2020. Editora Monergismo - SCRN 712/713, Bloco B, Loja 28 — Ed. Francisco Morato - Brasília, DF, Brasil — CEP 70.760-620 - www.editoramonergismo.com.br
20. Idem nº 19, pg. 6.
21. Idem nº 19, pg. 71.
22. Idem nº 19, pg. 72.
23. Craig A. Carter, Rethinking Christ and Culture: A Post-Christendom Perspective (Grand Rapids: Brazos, 2006),p. 81-82, 86. Apud Peter J. Leithart, *Em Defesa de Constantino - O crepúsculo de um Império e a aurora da cristandade*, pg. 85.
24. Idem nº 19, pg. 86.
25. Idem nº 19, pg. 93.
26. Idem nº 19, pg. 94.
27. Idem nº 19, pg. 97.
28. Idem nº 19, pg. 97.
29. Idem nº 19, pg. 100.
30. Os incríveis paralelos entre o Apocalipse e Flávio Josefo! pg. 50. César Francisco Raymundo. Revista Cristã Última Chamada- Edição extra de Outubro de 2017 – www.revistacrista.org

Conclusão

Desde que abracei o Preterismo Parcial sempre conferi com as Escrituras tudo quanto era ensinado nesse sistema de interpretação da profecia bíblica. Nunca recorri a nenhum pai da igreja para confirmar se o Preterismo é verdadeiro ou não. Acho lamentável que muitos crentes precisem dos Pais da igreja - que viveram no período que é chamado de Patrística – para fundamentar que o Preterismo Parcial nunca foi ensinado por eles. Assim agem esses crentes porque acreditam que o Preterismo não teria sido ensinado pelos Pais da Igreja, sugerindo assim que pelo fato deles terem vivido muito perto do período apostólico, seria esta uma garantia de “acerto” em relação a doutrina. As Escrituras, porém, mostram o contrário. Veja que o Novo Testamento está cheio de evidências de que estar perto dos apóstolos não era sinal de acerto doutrinário. Certa vez escrevi que “há vários exemplos de pessoas que precisaram de esclarecimento e conselho ainda enquanto os apóstolos estavam vivos (Atos 10, 15; Gálatas 2:11-14), e mesmo assim, muitos não entenderam (Gálatas 1:6-10). Os cristãos de Tessalônica tiveram que ser instruídos sobre uma questão da escatologia para que eles não fossem “enganados” (2ª Tessalonicenses 2:1-12). Até mesmo o apóstolo Pedro declarou que algumas das coisas que Paulo escreveu eram “difíceis de entender” (2ª Pedro 3:16). As cartas de João possuem advertências acerca de provar os espíritos se proviam de Deus ou não, pois muitos enganadores já estavam em atividade naqueles dias (1ª João 4:1). Tudo isto significa que assim como hoje, no primeiro século também houve “teólogos” que estavam ensinando errado, seja por ignorância ou por malícia.

Que fique bem claro que a proximidade com o tempo dos apóstolos, não é garantia de inerrância no ensino”.¹

Sobre a questão de que os pais da Igreja não citaram ideias preteristas em seus escritos, os opositores do Preterismo deveriam ter mais cuidado antes de dar opiniões, pois há muita documentação daquele período que ainda precisa ser traduzida. Só para se ter uma ideia, se pegarmos os escritos dos Pais da igreja que viveram antes do Concílio de Nicéia (325 d.C.), veremos que os mesmos são apenas uma pequenina porção dos escritos daquela época. Os teólogos Gary DeMar & Francis X. Gumerlock resumem bem essa questão em seu livro *The Early Church and the End of the World* quando dizem que “há muito material ainda não traduzido. Há pelo menos 218 volumes em Latim e 166 volumes em grego ainda não traduzidos”. Portanto, as obras dos pais da igreja somam aproximadamente 7.000 páginas e, “enquanto que isso parece muito, a parte não traduzida em Grego e Latim ocupa o “peso de mais de um milhão de páginas”.²

Escrevi este e-book acerca do Preterismo de Eusébio de Cesaréia não para provar o Preterismo, mas para mostrar aos crentes da atualidade o quão equivocados eles estão quando dizem que o Preterismo era desconhecido na antiguidade. Eusébio de Cesaréia defendeu a interpretação preterista da profecia bíblica porque sabia da mesma a partir de fontes mais primitivas. Muitos na antiguidade, só para citar apenas alguns, defenderam a interpretação preterista de Mateus 24 e Apocalipse, como João Crisóstomo (407 d.C.), Rábano Mauro (856 d.C.), Ralph de Laon (1.136 d.C.), Comentário incompleto e anônimo sobre Mateus (4º Século), Otfrid de Weissenburger (860 d.C.), Teofilato de Ocrida (1108 d.C.), expositor de língua grega do que é hoje o país da Bulgária, Crisóstomo (347 d.C.) etc.

Outra curiosidade ao pesquisar a obra de Eusébio é que em nenhum momento vi uma obsessão ou especulação constante sobre anticristo e outras loucuras escatológicas de nosso tempo, embora ele

descreva tempos sombrios de perseguição. Eusébio de Cesaréia nos serve de exemplo de um bom cristão que fez algo pelo mundo ao invés de cruzar os braços. Ele não somente descreveu as perseguições contra a Igreja, mas também a sua vitória. Decidi escrever este e-book para ter a mesma sensatez do filósofo grego Aristóteles, do qual Mortimer J. Adler diz que “teve uma atitude sensata em relação aos pensadores que o precederam. Disse que era boa ideia dar atenção ao que eles disseram a fim de descobrir quais de suas opiniões eram corretas e quais eram incorretas. Ao separar o verdadeiro do falso, pode-se fazer algum progresso”.³

-
1. A igreja primitiva e o fim do mundo - Uma refutação da ideia de que igreja primitiva desconhecia o Preterismo, pg. 37. César Francisco Raymundo. Revista Cristã Última Chamada -Edição Especial Nº 027 - 2ª edição de Novembro de 2019. www.revistacrista.org
 2. The Early Church and the End of the World, pg. 58. Gary DeMar & Francis X. Gumerlock. Copyright © 2006 - American Vision - Site: www.AmericanVision.org
 3. ARISTOTELES PARA TODOS - Uma introdução simples a um pensamento complexo – pg. 41. Mortimer J. Adler. Publicado por meio de acordo com a editora original, Scribner, uma divisão da Simon & Schuster, Inc. Publicado originalmente nos Estados Unidos, em 1978, pela Scribner Publishing, New York, sob o título Aristotle for Everybody: Difficult Thought Made Easy. Esta edição foi traduzida da edição de 1997, da Simon & Schuster, New York, Estados Unidos. Copyright © 2010 É Realizações.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org

